

MESTRADO EM TEMAS DA PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO DESVIANTE E DA JUSTIÇA

A Busca por uma Cidadania: Teatro do Oprimido e Atores Protagonistas do Fenómeno Sem-Abrigo da Cidade do Porto

Cynthia de Sousa

M

2023



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**A BUSCA POR UMA CIDADANIA: TEATRO DO OPRIMIDO E ATORES PROTAGONISTAS DO
FENÓMENO SEM-ABRIGO DA CIDADE DO PORTO**

Cynthia de Sousa

Outubro de 2023

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor *Luís Fernandes* (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

-

“É teatro de luta! É o Teatro DOS oprimidos, PARA os oprimidos, SOBRE os oprimidos e PELOS oprimidos, sejam eles operários, camponeses, desempregados, mulheres, negros, jovens ou velhos, portadores de deficiências físicas ou mentais, enfim, todos aqueles a quem se impõe o silêncio e de quem se retira o direito à existência plena.”

Augusto Boal in Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar, aos participantes do meu estudo, por me terem recebido nos seus mundos sociais e subjetivos, por todo um processo de experimentação e criação artística coletivo. Continuaremos juntos, desta vez no palco do social, na reivindicação dos Direitos Humanos.

Ao professor Luís Fernandes, pela excelente mediação de todo um processo de investigação pelo universo do Teatro do Oprimido e pelos mundos sociais e subjetivos do Fenómeno Sem-Abrigo. Por ter acolhido as minhas inquietações, por toda a disponibilidade demonstrada ao longo de todo o processo.

A todas as entidades envolvidas no Projeto “Somos”: Câmara Municipal do Porto; Núcleo de Planeamento e Intervenção Sem-Abrigo do Porto; Rede Europeia Anti Pobreza Portugal; Associação Saber Compreender; Fundação MOA Portugal; Serve the City Portugal ;Pele -Associação Social e Cultural; Apuro- Associação Cultural e Filantrópica.

À minha família e ao Barbosa por todo o apoio incondicional.

Ao Peia e à Tatiana.

À Inês.

RESUMO

Qual o potencial que deriva do estreitamento da relação entre Teatro do Oprimido e atores e mundos que corporizam o Fenómeno Sem-Abrigo na Cidade do Porto? Será o Teatro do Oprimido facilitador de um encontro com estes mundos sociais e subjetivos, para melhor compreendê-los? Que impactos terá esta estética teatral no Fenómeno? Questões que impulsionaram um estudo qualitativo, uma observação participante em contexto natural, no Projeto “Somos” – Existimos, Criamos, Somámos, (P)Artes, com um grupo de sem-abrigos.

Assim, apurámos que a situação de sem-abrigo é resultado de uma trajetória pautada por múltiplas ruturas com o tecido social, analisadas neste estudo à luz da tipologia de laços de Paugam (2009). E é percebida como sendo de difícil reversão, pela existência de um mercado laboral caracterizado pelo estigma, pela precariedade e pelo desemprego, a par de uma inadequação dos sistemas de proteção social a um progressivo aumento dos valores do mercado habitacional.

As Ruas e os Centros de Alojamento Temporário, configuram-se as duas principais formas sem-abrigo de habitar o espaço social urbano. Quanto à Rua, foi possível decifrar os espaços-tempos de permanência, as principais Estratégias de Sobrevivência, e, à semelhança dos Centros de Alojamento Temporário, as perceções que derivam do seu habitar.

O Teatro do Oprimido, enquanto instrumento de intervenção social, possibilitou a descoberta de um novo sentido de existência, o incremento da autoconfiança, aquisição de competências artísticas e sociais, o desenvolvimento pessoal, construção de laços com outro(s), sentimento de recuperação da visibilidade no espaço social e concretização da Arte como Direito Humano.

Palavras-Chave: Fenómeno Sem-Abrigo; Teatro do Oprimido; Intervenção Social

ABSTRACT

What is the potential of the close relationship between the Theatre of the Oppressed and the actors and worlds that embody the Homeless Phenomenon in the city of Porto ? Does the Theatre of the Oppressed facilitate an encounter with these social and subjective worlds in order to better understand them? What impact will this theatre aesthetic have on the phenomenon ? These questions prompted a qualitative study, participant observation in a natural context, in the "Somos" Project - Existímos, Criámos, Somámos, (P)Artes, with a group of homeless people.

Thus, we found that homelessness is the result of a trajectory marked by multiple ruptures with the social fabric, analysed in this study in the light of Paugam's (2009) typology of ties. And is perceived as being difficult to reverse, due to the existence of a labour market characterised by stigma, precariousness and unemployment, along with the inadequacy of social protection systems to a progressive increase in housing market values.

The Streets and the Temporary Accommodation Centres, are the two main ways in which homeless people inhabit the urban social space. As for the street, it was possible to decipher the spaces and times of permanence, the main survival strategies and, like the Temporary Accommodation Centres, the perceptions that derive from inhabiting them.

The Theatre of the Oppressed, as an instrument of social intervention, made possible to discover a new sense of existence, increase self-confidence, acquire artistic and social skills, personal development, build bonds with other(s), feel a sense of regaining visibility in the social space and realise Art as a Human Right.

Keywords : Homelessness ; Theatre of the Oppressed; Social Intervention

RÉSUMÉ

Quel est le potentiel de la relation étroite entre le Théâtre de l'Opprimé et les acteurs et les mondes qui incarnent le phénomène des sans-abris dans la ville de Porto ? Le Théâtre de l'Opprimé facilite-t-il la rencontre avec ces mondes sociaux et subjectifs afin de mieux les comprendre ? Quel est l'impact de cette esthétique théâtrale sur le phénomène ? Ces questions ont donné lieu à une étude qualitative, une observation participante dans un contexte naturel, dans le cadre du projet "Somos" - Existimos, Criamos, Somámos, (P)Artes, avec un groupe de sans-abri.

Ainsi, nous avons constaté que le sans-abrisme est le résultat d'une trajectoire marquée par de multiples ruptures avec le tissu social, analysé dans cette étude à la lumière de la typologie des liens de Paugam (2009). Et est perçu comme étant difficile à inverser, en raison de l'existence d'un marché du travail caractérisé par la stigmatisation, la précarité et le chômage, ainsi que l'inadéquation des systèmes de protection sociale à une augmentation progressive de la valeur du marché du logement.

La rue et les centres d'hébergement temporaire sont les deux principaux modes d'occupation de l'espace social urbain par les personnes sans domicile. En ce qui concerne la rue, il a été possible de déchiffrer les espaces et les temps de permanence, les principales stratégies de survie et, comme pour les centres d'hébergement temporaire, les perceptions qui découlent de leur occupation.

Le Théâtre de l'Opprimé, en tant qu'instrument d'intervention sociale, a permis de découvrir un nouveau sens de l'existence, d'accroître la confiance en soi, d'acquérir des compétences artistiques et sociales, de se développer personnellement, de créer des liens avec d'autres personnes, de retrouver une visibilité dans l'espace social et de réaliser que l'art est un droit de l'homme.

Mots clés : Phénomène Sans Abri ; Théâtre de l'Opprimé ; Intervention sociale

LISTA DE ABREVIATURAS

NPISA – Núcleo de Planeamento e Intervenção Sem-Abrigo

AIIA- Abordagens Integradas Para a Inclusão Ativa

EAPN- Rede Europeia Anti-Pobreza

SSA – Situação Sem-Abrigo

SA- Sem-Abrigo

ST- Sem-Teto

TJ- Teatro Jornal

TO- Teatro do Oprimido

TF- Teatro Fórum

OP- Observação Participante

CAT – Centro de Alojamento Temporário

SC- Sem-Casa

RSI – Rendimento Social de Inserção

IEFP- Instituto de Emprego e Formação Profissional

Índice

INTRODUÇÃO	1
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
1. Fenómeno Sem-Abrigo e Marginalização Social Urbana.....	4
2. Exclusão Social.....	7
3. Teatro do Oprimido.....	9
4. Teatro do Oprimido um Percorso Histórico	10
4.1. Teatro Arena (1956-1972).....	10
4.2. Exílio na América Latina (1971-1976).....	12
4.2.1. Argentina.....	12
4.2.2. Peru	13
4.3. Exílio na Europa (1976-1985)	14
4.4. O regresso de Boal ao Brasil (1985).....	16
4.5. O caso das Técnicas das Ações Diretas.....	16
5. Teatro do Oprimido, Intervenção Social e Fenómeno Sem-Abrigo.....	17
II. METODOLOGIA.....	18
1. Objetivos e Questões de Investigação	18
2. Desenho Metodológico	18
2.1. Método.....	18
2.1.1. Investigação Qualitativa	18
2.1.2. Observação Participante em Contexto Natural.....	19
3. Procedimentos	21
3.1 Técnicas de Recolha de Dados	21
3.1.1 Diário de Campo.....	21
3.1.2 Entrevistas Semiestruturadas e Histórias de Vida.....	21
3.2 Tratamento e Análise dos Dados.....	22
3.2.1 Análise de conteúdo.....	22
4. Participantes.....	22
III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	24
1. Fenómeno Sem-Abrigo na Cidade do Porto	24
1.1. Trajetórias Sem-Abrigo.....	24
1.1.1 Do individual ao Social.....	24
1.1.2. Aprisionados na Situação Sem-Abrigo.....	28
1.2. Fenómeno Sem Abrigo e Formas de Habitar o Espaço Social Urbano	29
1.2.1. Habitar a Rua	30

1.2.2. Habitar um Centro de Alojamento Temporário	31
2. Teatro do Oprimido e Fenómeno Sem-Abrigo	32
2.1. Motivações Integração na Oficina de Teatro Fórum	32
2.2. Possível Olhar sobre o Efeito “Flutuação” dos Participantes	33
2.3. Participação no Processo de Experimentação e Criação Artística.....	33
2.4. Impactos Percebidos	34
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
VI. ANEXOS	47
Anexo 1 - Caracterização dos Participantes	47
Anexo 2. Declaração de Consentimento Informado: Entrevista Semiestruturada	48
Anexo 3- Guião de Entrevista	49
Anexo 4- Grelha de Análise de Conteúdo.....	50

INTRODUÇÃO

De que modo o Teatro do Oprimido poderá ser posto ao serviço dos atores que protagonizam o Fenómeno Sem-Abrigo? Em que medida poderá ser útil ao estudo e à intervenção social nos recantos mais baixos do “espaço social” urbano (Bourdieu,1995)?

Este estudo propõe-se a descobri-lo, tendo por base uma investigação qualitativa, uma observação participante em contexto natural, poderoso “instrumento para construção teórica e reflexividade epistémica” (Wacquant,2009 citado em Fernández,2012,p.58).

O contexto natural da observação participante terá sido o Projeto “Somos”-Existimos, Criámos, (P)artes. Um *continuum* de três oficinas de experimentação e criação artística, distribuídas de forma praticamente similar - +/- 4 meses e meio cada uma, geralmente duas sessões por semana, três, nos períodos que antecediam as apresentações públicas, de duração variável, dependendo do envolvimento dos participantes - desenvolvidas entre junho de 2021 e junho de 2022.

O projeto “Somos”, vinculado ao Eixo 4 - Participação e Cidadania- do NPISA do Porto, foi promovido pela Câmara Municipal do Porto ao abrigo do Programa Operacional Norte 2020, no âmbito do programa AIIA, com acompanhamento psicossocial e socioeducativo da EAPN.

Tinha como objetivos reforçar e qualificar o ecossistema de empreendedorismo social do Porto e capacitar, organizar, alinhar e mobilizar os agentes envolvidos na inovação social e, mais concretamente, a capacitação e integração pela arte de pessoas em situação de sem-abrigo, indivíduos em situação de isolamento e elevada vulnerabilidade social.

A aproximação ao contexto, deu-se por meio da “Oficina Bibliotecas Vivas”. Esta Oficina, dinamizada pela Associação Saber Compreender, fundamentalmente em Centros de Alojamento Temporário para pessoas em SSA , foi baseada na metodologia Bibliotecas Humanas e resultou no evento público “Quem és Porto?”, na Biblioteca Pública Municipal da cidade.

O objeto do estudo é a oficina intermédia deste projeto, a de Teatro Fórum. As sessões que canalizaram quase todas as técnicas da estética do Oprimido de Boal, à

exceção da técnica do Teatro Jornal, do Teatro Legislativo, do Teatro invisível e das Ações Diretas, ocorreram na Casa das Artes do Bonfim e foram dinamizadas pela Pele- Associação Social e Cultural.

Destas sessões, desabrochou o espetáculo de T.F “Porque não Posso?”, apresentado no Salão Nobre da Junta de Freguesia do Bonfim. Este espetáculo, constituído por dois momentos de encenação distintos, partiu das experiências, mas também dos significados que um grupo de SA atribui à sua existência no espaço social urbano.

1º Momento: No “espaço estético”, onde a ficção é realidade e a realidade ficção (Boal,1996), o “Metro do Porto”, foi palco de um conflito que põe em evidência a centralidade do estigma na construção social do crime e nos “processos de rotulação do desviante”(Becker,2008)

Após o desaparecimento de uma carteira, um passageiro, é injustamente acusado pelos restantes de a ter roubado. Os critérios de acusação baseiam-se no corpo “máscara do ser social” (Boal,2012), no conjunto de atributos físicos que lhe conferem identidade e status social (Goffman,1988), a/o de SA.

A figura SA no espaço social urbano, não se encontra dissociada das etiquetas de “Drogado” e “Alcoólico”, que é também “Criminoso”, porque se serve dos crimes aquisitivos para alimentar um corpo entregue aos vícios mundanos. E estas teorias explicativas do crime, inscritas no senso-comum, antecipam o “mapa urbano da segregação” (Rêgo & Fernandes,2012) e marginalização social.

2º Momento: Um jovem aspirante a músico, é incentivado pela sua família a desistir dessa carreira, profissão percecionada como que auferindo de um estatuto social menor, e é incentivado a optar pela Engenharia, encarada como uma espécie de elevador social que iria permitir concretizar a tão almejada mobilidade social.

A última oficina de Dramaturgia e Biodrama, dinamizada pela Apuro, e que resultou no Espetáculo “É”, apresentado no Teatro Municipal Campo Alegre, já não terá sido contemplada no presente estudo.

Em termos de disposição esta dissertação congrega quatro secções: No capítulo I, enquadro teoricamente o objeto de estudo, inscrevo o Fenómeno SA nos Processos de Marginalização Social Urbana e na noção de Exclusão Social, em seguida, dou lucidez à abstração do conceito Teatro do Oprimido, enquadrando-o num percurso histórico, por fim,

dou conta do Estado de Arte do TO enquanto instrumento de Intervenção Social nos Fenómenos da Exclusão social, no sentido lato, e no fenómeno SA, no sentido restrito. No capítulo II, é feito um enquadramento da metodologia empregue e no capítulo III, procede-se à apresentação e discussão dos resultados que emergiram de uma observação participante em contexto natural. Por fim, no capítulo IV, procede-se à sistematização desta investigação com as considerações finais.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

“O espaço social deve estar inteiramente desimpedido de todas as suas barreiras e de todos os seus limites” (Foucault, 1978, p.450).

1. Fenómeno Sem-Abrigo e Marginalização Social Urbana

Os estilos de vida SA, formas de adaptação a esta condição (Snow & Anderson,1993), do vadio e do vagabundo de outrora (Bento & Barreto,2002), transforma(v)am-(no) num “duplo *Alien*: espacial e social” (Fernandes,1997b), no “outsider” (Becker,2008), no “inútil para o mundo“ (Castel,1995), nos “detritos do social” que assombram a paisagem urbana (Wacquant,2007)

E o “«resíduo social», habitando tugúrios de pobreza (...) tinha de ser mantido à distância, ativando mecanismos de segregação social e espacial” (Fernandes,1997b, p.82), geradores das denominadas “margens infamantes” do espaço social urbano (Wacquant,2007), do “terreno da marginalidade social” (Castel,1995, citado em Fernandes & Carvalho,2000,p.64).

Exemplos magistrais destes mecanismos, são o caso do Depósito de Mendigos, França, 1764, que se assemelhavam ao modelo dos hospitais gerais:

“prisões (...) imaginadas para desimpedir as ruas e as estradas (...) a fim que não se veja a miséria (...) casas fétidas e tenebrosas onde são entregues a si mesmos. A inatividade, a má alimentação, as aglomerações dos companheiros de miséria não tardam a fazer com que desapareçam uns após os outros” (Mercier,1783, como citado em Foucault, p.444, 1978).

Bem como o episódio da *Tompkins Square*, retratado no livro “*The New Urban Frontier*”, de Neils Smith (1996).

Em 1988, na cidade de Nova York, Manhattan, o parque público *Tompkins Square*, foi palco de uma insurreição. O motivo? A tentativa de imposição de um horário que proibia qualquer sujeito de o frequentar a partir da 1h da madrugada. Esta medida pretendia, entre outras coisas, combater o aumento do número de sem-tetos, que expulsos de outros espaços da cidade escolhiam este local para pernoitar. Nesse mesmo parque, em 1989, no dia mais frio do inverno, as barracas, que serviam de abrigo a um grupo de ST, foram destruídas e os seus pertences foram-lhes retirados. Motivação? A sua expulsão.

Henry Stern, na altura comissário dos parques públicos, alegou que as condições atmosféricas não seriam as mais apropriadas para o parque servir de local de dormida, negligenciando o facto de os abrigos para ST da cidade estarem lotados, não tendo capacidade para os acolher. O parque foi fechado em 1991, quando o número de ST já andava na casa dos 300. O *mayor* de Nova York da época, declarou que o parque não era local para viver, e que a população SA estaria a retirar o direito da comunidade ao usufruto deste espaço público.

Castel (1995), analisa os processos de marginalização nas sociedades do capitalismo avançado, sobre a ótica da inadequação dos sistemas clássicos de proteção social, a um deteriorar do trabalho assalariado estável que se reflete na multiplicação dos que ocupam uma posição de supranumerários, de inempregáveis ou empregados de forma precária.

Para Wacquant (2007;2008), é o Estado Neoliberal que estipula as formas de marginalização urbana.

Para o autor, o triunfo do Neoliberalismo nas sociedades modernas avançadas, é fruto de uma “Revolução Neoliberal”, um conjunto de transformações operadas nas estruturas do Estado. E em que se traduzem essas transformações? Por um lado, na “amputação” da “mão” económica e social do Estado, por outro, no endurecimento do seu “punho penal”, face ao crescimento da sua “mão invisível”(Wacquant,2007), o mercado das economias informais.

À semelhança de Castel (1995), Wacquant (2007;2008), acentua a dimensão da instauração de uma progressiva desregulamentação económica, promotora da fragmentação do trabalho assalariado, e a dimensão da retração do Estado Social, como causa da desintegração de determinados atores sociais localizados nos escalões inferiores das suas estruturas. Distingue-se, no entanto, pela inclusão da dimensão do mercado das economias informais, que se fortalece como resultado dessa desintegração, e pela inclusão do papel do Estado Penal na sua gestão. O aumento dos atores sociais desintegrados é proporcional ao aumento das atividades no seio do mercado das economias informais, espelhando a derradeira luta pela sobrevivência nas margens. O Estado Penal, com o aumento das taxas de encarceramento e aplicação da monitorização eletrónica (Wacquant,2008), surge como o restaurador da “ordem sociomoral da cidade” (Wacquant,2007), invisibilizando os problemas sociais que decorrem das transformações anteriores.

Em suma, na perspectiva deste último autor, ao *Estado Kenysiano*, onde paralelamente ao trabalho assalariado fordista, operava um mecanismo de solidariedade que protegia as camadas sociais vulneráveis dos ciclos recessivos da economia de mercado, sucede um *Estado Neodarwinista*. E porquê Neodarwinista? Baseado numa lógica de mercado, cujas bandeiras são a competição e canonização da responsabilidade individual, promove uma autêntica “luta pela existência económica”, glorificando vencedores e penalizando vencidos (Wacquant,2007).

2. Exclusão Social

O objeto que vem colocar no centro discursivo esta margem socio espacial (Fernandes,1998), é a exclusão social.

A exclusão social é objeto fluído (Fernandes,2014), “saturado de sentidos e contra sentidos” (Costa,2001), que espelha a tentação de se “(re)descobrir periodicamente novas categorias, nos recantos mais baixos do espaço urbano” (Wacquant,1996 como citado em Fernandes & Carvalho,2000,p.3), e uma preocupação relativa à manutenção da coesão social (Castel,1995).

É objeto que procura captar a “fase mais aguda” (Castel,1995), ou “fase terminal” (Costa,2001), dos processos de marginalização, caracterizados por Castel (1995), como percurso descendente de desintegração e rutura do vínculo social.

Para Paugam (2009,p.63), este vínculo social é constituído por laços de “diferente natureza, que fornecem (...) aos indivíduos (...) a proteção e o reconhecimento necessários à sua existência social”. Por outras palavras, a fragilidade destes laços é sinónimo de invisibilidade. Por este prisma, a exclusão social, é sobretudo, o lugar social da não existência.

O mesmo autor (Paugam,2009), distingue 4 tipologias de laços sociais: os de **filiação** adquiridos por consanguinidade, os de **participação eletiva** que são arbitrariamente construídos com outro(s) extra núcleo familiar, de **participação orgânica** vinculados ao mercado laboral e os de **cidadania** que se poderão firmar concretização ou revogação dos direitos consagrados.

Para Costa (2001), exclusão social e cidadania, são conceitos que se diluem. No seu entendimento, o exercício pleno da cidadania depende da relação, ou melhor, do acesso, a um conjunto de sistemas básicos interdependentes que compõem o laço social. Esses sistemas são, pelo autor, discriminados em cinco domínios: o social, o económico, o institucional, o territorial e o das referências simbólicas.

O **domínio social** é o mais amplo, procura abarcar o conjunto de redes sociais em que o sujeito se encontra inserido, vão desde os restritos e imediatos como a família, percorrendo os intermédios como o grupo de amigos, aos amplos como o mercado laboral; O **domínio económico** compreende os mecanismos geradores de recursos - mercado de trabalho e a segurança social - o sistema de poupanças, e, naquela que é uma economia de

mercado, o mercado de bens e serviços, o designado “princípio de diferenciação generalizada” (Castel, 1995), na medida, em que são os hábitos de consumo que demarcam as posições sociais ocupadas; O **Institucional** inclui os sistemas prestadores de serviços extensores do Estado Social (sistema educativo, saúde, justiça, habitação), mas também instituições de carácter político ou relacionadas com direitos cívicos; O **territorial** procura traduzir a “componente espacial” (Fernandes & Carvalho,2000) da exclusão social, isto é, de que modo ela se inscreve no espaço físico (Ex: bairros sociais); O das **referências simbólicas**, dimensão subjetiva da exclusão, procura captar um conjunto de perdas - autoestima, autoconfiança, identidade social, perspectivas de futuro- que se vão intensificando à medida que a situação de exclusão se vai prolongado no tempo.

3. Teatro do Oprimido

No século XX, movimentos do “campo artístico” ou “campo de produção cultural” (Bourdieu, 1993 citado em Wacquant,2005), apelidados de vanguardas artísticas (Ancieto,2017), fortemente influenciados pelo Marxismo, devolveram o carácter social e político ao teatro Ocidental (Serafino,2023).

Inscrito nesses movimentos de influência marxista, está o TO (Boal, 2012; Lawrence,2014; Barbosa,2016; Barbosa & Ferreira,2017).

Formulado por Augusto Boal, entre 1971 e 1986 (Ancieto,2017), o TO, é um “sistema de exercícios (...), jogos estéticos, técnicas (...)” (Boal,1996,p.28-29).

É Teatro pelo povo e para o povo (Oliveira & Araújo,2012; Lawrence,2014), Teatro das Classes Oprimidas (Quillez,1984 citado em Lawrence,2014), porque pressupõe uma devolução (Nunes,2004), uma (re)conquista dos meios de produção teatral, para que sejam postos ao seu serviço, na luta pela libertação de opressões sociais e subjetivas que os aprisionam (Boal,1996; 2012).

É “ensaio da revolução” (Boal,2012), ou espécie de “laboratório social” (Centro Cultural Banco do Brasil,2015), pela possibilidade “de pôr em causa (...)de as pessoas e os seus corpos ocuparem um lugar diferente daqueles que lhes foi prescrito” (Soeiro, 2012 como citado em Barbosa & Ferreira,2017, p.453), pela possibilidade de “desmecanizar os indivíduos para que estes -ao procurarem desalienar-se e libertar-se do papel social que lhes foi atribuído - possam encetar um projeto de transformação social” (Barbosa & Ferreira,2017, p.444).

4. Teatro do Oprimido um Percurso Histórico

4.1. Teatro Arena (1956-1972)

A origem do Teatro do Oprimido remonta ao Teatro Arena de São Paulo (1953-1972), Brasil (Centro Cultural Banco do Brasil,2015).

O Teatro Arena é fundado em 1953, por José Renato, jovem recém formado pela Escola de Artes Dramáticas (Betti,2013), tendo como inspiração o livro “*Theatre-in-the-round*”, de Margo Jones. (Said,2017). Este livro, teoriza uma “arquitetura teatral”, um “lugar de representação” (Boal,1996), caracterizada pela ausência de prosccênio (Betti,2013).

No ano de 1956, Augusto Boal, na época recém chegado dos Estados Unidos, onde frequentou os seminários de dramaturgia de John Gassner, assume o papel de diretor do Arena (Lawrence,2014; Ancieto,2017).

Nesse período, o Teatro Arena era constituído na sua maioria por um grupo de “burgueses politizados”, de intelectuais, que no amplo espectro político simpatizavam com a ideologia Marxista (Betti,2013;Said,2017). O que se deve em parte, à fusão do Arena com o Teatro Paulista do Estudante, grupo de teatro vinculado ao Partido Comunista Brasileiro (Napolitano,2001; Betti,2013).

Este facto, não poderá deixar de ser referido, porque explica a natureza radical e revolucionária do projeto teatral do Arena: Uma nacionalização da dramaturgia e interpretação teatral que levasse “ao palco a realidade do “povo brasileiro”” e a realidade do Brasil ao povo levasse (Said,2017).

Enquanto diretor (1956-1971)(Barbosa & Ferreira,2017), Augusto Boal, protagonizou um conjunto experimentos e inovações (Lawrence,2014), que contribuiram para uma verdadeira revolução estética no Teatro Brasileiro (Lawrence,2014; Barbosa & Ferreira,2017). Destacam-se o Laboratório de Interpretação (1956), o Curso de Dramaturgia (1956), o Seminário de Dramaturgia (1958), o Sistema Coringa (1967) (Nunes,2004; Betti,2013; Lawrence,2014; Chagas,2015; Lima,2015; Ancieto,2017; Said,2017; Barbosa & Ferreira,2017), e aquela que viria a ser a “base teatro do oprimido”, o Teatro Jornal (1970) (Frateschi,2015), que importa aqui examinar em profundidade dado a natureza do presente estudo.

Para abordarmos o TJ, “o embrião do TO” (Barbosa,2016), é necessário recuarmos até ao ano de 1964, ano em que a turbulência mundial que caracteriza o período histórico dos finais dos anos 60 (Ervin,1988; Barbosa & Ferreira,2017), também se estende ao Brasil com o regime de ditadura militar a ser instaurado (Lawrence,2014).

Avancemos agora até ao ano de 1968, ano correspondente ao decretar do Ato Institucional nº5. Ano em que regime de ditadura militar, como forma de neutralizar todas as formas de subversão ideológica (Lawrence,2014), proíbe a livre associação de organizações e grupos culturais de carácter político(Lawrence,2014; Lima,2015). Em que se torna evidente que o teatro, enquanto forma de resistência, teria de ser reinventado, teria de ocupar outros espaços que não aqueles que até então lhes estavam reservados (Lawrence,2014; Lima,2015).

Em 1970, Boal, sugere a um grupo de jovens artistas (Lima,2015), designado de Núcleo do Teatro Arena de São Paulo (Boal,2012), desenvolverem o TJ, ideia que tinha formulado nos anos 60 com um antigo membro do Teatro Paulista do Estudante e depois do Arena, Oduvaldo Vianna Filho (Araújo,2006).

De acordo com Aniceto (2017), o TJ, foi beber ao *agitprop*, movimento que emergiu na Rússia com o socialismo, mas também ao *Living Newspaper*, grupo norte americano dos anos 30 do século XX, que se servia de notícias do jornal para dar corpo às suas dramatizações.

O TJ desenvolveu-se em dois eixos, por um lado, a transformação de determinada matéria jornalística em matéria teatral, por outro, a contraposição da “realidade retratada com o retrato da realidade editado pela censura” (Frateschi, 2015, p.84).

O TJ, era portanto, a combinação de duas dimensões, denúncia e estimulação crítica, tornando-o instrumento de mobilização política extramente eficaz (Lima,2015).

Ao voltar de uma turné internacional com o elenco principal do Arena, Boal, sistematizou as 9 técnicas que lhe pareciam estar inscritas no TJ (Lima,2015). Essas técnicas encontram-se sistematizadas no livro “*Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas*”(Boal,2012), são elas: a Leitura Simples, a Leitura Cruzada, a Leitura Complementar, a Leitura com Ritmo, a Ação Paralela, A Improvisação, o Histórico, o Reforço e o Texto Fora do Contexto.

Alterando entre apresentações clandestinas e oficiais, o TJ, foi sendo difundido por vários grupos populares (Barbosa,2016).

Em 1971, com o progredir da violência do sistema repressivo, Boal, vê-se obrigado a partir para o exílio (1971-1985) (Lawrence,2014;Lima,2015;Santos,2015; Barbosa & Ferreira,2017). Exílio, cujas experiências, como veremos adiante, foram particularmente importantes para a formulação de outras técnicas que dão corpo ao TO, sendo também período importante para a sua teorização (Lawrence,2014).

Em 1972, o Arena encerra com o agudizar das tensões políticas já existentes (Lima,2015).

4.2. Exílio na América Latina (1971-1976)

Os primeiros anos do exílio de Augusto Boal foram passados na América Latina (Lawrence,2014).

4.2.1. Argentina

Na Argentina (1971-1976), terra natal da sua esposa e base de residência em todo o período de exílio nos países latinos da Américas do Sul (Ancieto,2017), dirige o grupo de Teatro El Manchete, e dedica-se não só à encenação, mas também realiza alguns experimentos apelidados de pouco convencionais (Lima,2015).

Seria num desses experimentos, pouco antes das eleições argentinas de 1973 (Ancieto,2017), num restaurante, e, a propósito de uma lei em vigor que concedia o direito a grupos privilegiados de comer gratuitamente em estabelecimentos do género desde que a refeição não incluísse vinho e sobremesa, que uma das técnicas que compõem o “arsenal de técnicas” do TO (Boal,2012), **Teatro Invisível**, é criada (Lawrence,2014;Lima,2015).

Nesta técnica, as fronteiras entre o que é real e o que é encenado são esbatidas, o social torna-se palco de uma encenação, uma encenação não anunciada e esperada. Atores do social, ainda que desconhecendo, dão também corpo a essa encenação e contracenam com os atores de teatro (Boal, 1998;2012). A título de exemplo, e, servindo-me deste

episódio particular para a ilustrar: Um ator de teatro que encarna a personagem de um cliente, após a refeição, anuncia que não irá pagar e justifica-o servindo-se da lei. Outros atores de teatro, também em personagem, na sua condição de clientes, contestam e a confusão instala-se. Os atores do social, clientes e funcionários reais, sem conhecimento, acabam por entrar em cena e contracenar com os atores de teatro (Lima,2015).

Esta técnica objetiva instalar o questionamento, o diálogo sobre determinadas questões que fluem no social.

4.2.2. Peru

No Peru (1973), o Governo Revolucionário Peruano iniciou um Programa de Alfabetização Integral (ALFIN) inspirado em Paulo Freire, nas cidades de Lima e Chaclacayo, tendo Boal participado como coordenador do setor de Teatro Popular (Boal,2012;Turle;2014).

Um dos pontos centrais deste programa, era canalizar todas as formas de linguagem, incluindo as artísticas (Boal,2012):

“os homens se expressam e comunicam em muitas linguagens (...) Se nas classes populares, a linguagem teatral é tão importante para comunicação, por que não empregar os recursos teatrais para expandir esse campo expressivo?” (Canclini, 1980 citado em Turle,2014, p.2).

E é graças a este programa, que Teatro Imagem e o Teatros Fórum, são desenvolvidos (Boal,2012).

No **Teatro Imagem**, determinada questão ou problema, que deriva da posição que determinado grupo popular/grupo de oprimidos ocupa no espaço social, é teatralmente trabalhada(o) tendo como instrumento um conjunto de imagens corporais.

Numa primeira fase, essa questão ou problema é “esculpido(a)” (Lawrence,2014), por um dado elemento do grupo de oprimidos, tendo como matéria-prima o corpo dos demais participantes, podendo também incluir como matéria o seu próprio corpo. O resultado da “escultura”, uma representação mais próxima possível do real - “imagem real” - é analisada(o) por todos os elementos do grupo, com o objetivo de entender se é necessária alguma modificação ou é consensual que assim deverá ser representado(a). Numa segunda fase, o mesmo “escultor”, deve “esculpir” uma alternativa à questão ou problema tal e qual como se apresenta – “imagem ideal” (Boal,20012). Já na terceira fase,

cada elemento do grupo deverá com os seus corpos criar uma imagem que capte o processo basilar de transformação do real em ideal – “imagem de trânsito” (Boal,2012).

É nesta última fase, que ocorre aquilo que Boal considera o mais importante da aplicação desta técnica, troca de perspectivas relativamente às condições impreteríveis para uma “transformação radical” da base das estruturas do social (Boal,2012)-

No **Teatro Fórum**, apelidado de “proposta radical de participação popular nos espetáculos teatrais” por Silva (2014), a questão ou problema, com as especificidades que anteriormente foram apresentadas, é encenada até ao ponto de crise “o instante do desenvolvimento de uma estrutura de relações humanas na qual diversas alternativas passam a ser possíveis daí em diante” (Boal,1996, p.71). O “povo “espetador””, ser passivo no fenómeno teatral” (Boal,2012, p.182)., é estimulado pelo Curinga, facilitador do T.F (Silva,2014), a entrar em cena, a ocupar o lugar do oprimido, e a ensaiar alternativas que o empoderem, que o tornem protagonista da sua própria história e não apenas objeto de condicionantes sociais.

O TF, configura-se então, um espaço onde as opressões que se abatem sobre estes grupos de oprimidos se tornam objeto de análise, de desconstrução. O que se pretende é que este sentido crítico, este pensar as relações de poder, se transmutem para o espaço social, sendo condição impreterível para que o oprimido, um “subversivo submisso”, se torne apenas “subversivo” (Boal,1996), sendo esta a finalidade do TO, a de “não criar repouso, o equilíbrio, mas a de criar o desequilíbrio que dá início à ação” (Boal,1996,p.83)

No ano de 1976, Boal, abandona a Argentina na decorrência de um golpe militar (Ancieto,2017).

4.3. Exílio na Europa (1976-1985)

Em 1976, o exílio passa a ter como pano de fundo o continente europeu, em concreto, países como Portugal e França (Lawrence,2014).

Foi neste contexto sociopolítico particular, no trabalho com grupos de oprimidos com o TO, que Boal descobriu que paralelamente às opressões que se assemelhavam às da América Latina, ou seja, de uma natureza mais estrutural -condições laborais, racismo, abuso policial- confluíam opressões de uma natureza mais subjetiva - “solidão” ,

“incapacidade de se comunicar”, “medo do vazio” (Boal,1996) - que os aprisionava, tanto como, ou até mais, que as estruturais.

Esta descoberta gerou-lhe alguns questionamentos: Como é que estas opressões eram internalizadas ? Qual a utilidade do TO no combate a estas opressões ?

Na década de 80, em Paris, em experiências com sua esposa Cecília Boal, atriz e psicanalista (Oliveira & Bortolini,2021),Boal desenvolve a **Técnica Arco- Íris do Desejo** (Oliveira & Araújo, 2012; Oliveira & Bortoloni,2021), que condensa antigas técnicas de TO a partir da criação de outras (Oliveira & Araújo, 2012):Prospetivas, Introspectivas e de Extroversão (Boal,1996).

O Arco-Íris do Desejo é “superposição de terrenos: teatro e terapia”(Boal,1996,p.24), é “psicoteatro”(Oliveira & Araújo,2012).

Para Boal (1996), Terapia é espécie de montra de uma panóplia de alternativas e, terapêutico, é todo o ato que estimula o sujeito na escolha de uma alternativa em detrimento da situação em que se encontra. O potencial do teatro, enquanto forma de terapia, reside na auto-observação que possibilita o autoconhecimento, isto é, o Teatro é uma espécie de espelho na qual o sujeito se pode ver por inteiro, e vendo-se, descobre o que é e o que não é. O TO enquanto ato terapêutico, é esse espelho, mas com propriedades que permitem uma espécie de transposição sujeito-espelho, em que a imagem refletida é modificada pela descoberta daquilo que poderá vir a ser.

Quando o “paciente-ator” reproduz no espaço estético uma situação do real por si protagonizada, o processo de contar no tempo presente o tempo passado, obriga-o a ver a situação e a ver-se em situação, o “eu-agora, percebe o eu-antes”. Quando o “paciente-ator” é convidado a reproduzir alternativas “prenuncia um eu-possível, um eu-futuro”. E é neste exercício que ocorre o efeito catártico do TO, as opressões internalizadas que obstaculizam a ação são destruídas (Boal,1996), pela experimentação de alternativas.

O Arco-Íris do Desejo é, portanto, metáfora que procura traduzir o processo de análise do eu, de todas as suas cores, e o processo de ressignificação das opressões internalizadas (Oliveira & Araújo,2012),através da recombinação do seu arco-íris.

Das experiências com o Arco-íris do Desejo, Boal (1996), destaca no seu livro “*O Arco- Íris do Desejo*”, a do Hospital Psiquiátrico *Fleury-les-Aubrais* e o de *Sartrouville*.

Oliveira & Bortolini (2021), no seu artigo “Interlocações entre La Multiplicación dramática – Eduardo Pavlovsky- e O arco-íris do desejo – Augusto Boal”, consideram que o arco-íris do Desejo enquanto prática na área da saúde mental, veio dar sustentação aos movimentos antipsiquiatria.

4.4. O regresso de Boal ao Brasil (1985)

Com abolição do sistema ditatorial, Boal regressa ao Brasil, no ano de 1985 (Lawrence,2014). Entre 1992-1996, integra o Partido dos Trabalhadores (Lawrence,2014;Britto,2015) e é eleito vereador (Britto,2015), é neste período que desenvolve a **Técnica do Teatro Legislativo** (Lawrence,2014;Britto,2015), que se configura “radicalização da proposta de uma democracia participativa”, uma forma de “democratizar a política através do teatro” (Britto,2015).

O Teatro Legislativo compreendia dois momentos: a) espetáculo de T.F, encenado pelos “ Núcleos Comunitários”, núcleos vinculados a territórios específicos e constituídos por grupos específicos do espaço social, mas também pelos “Núcleos Temáticos”, não endereçados a territórios nem a grupos particulares, mas que giravam em torno de temas que se pretendiam debater (Britto,2015); b)as ideias centrais que resultavam do debate que procedia a encenação, eram transmitidas a uma “célula metabolizadora”, constituída por advogados, especialistas, que formulavam propostas de lei para apresentar na Assembleia (Britto,2015; Behnken,2015).

4.5. O caso das Técnicas das Ações Diretas

Ainda que as **Técnicas das Ações Diretas** se encontrem retratadas em o “*Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas*”, primeiro livro de teorização das ideias centrais do TO (Lawrence,2014), e nas edições que lhe sucedem, em toda a bibliografia consultada não fica claro em que espaço-tempo foram formuladas.

No entanto, e ainda que descontextualizadas de um percurso histórico que pretendíamos traçar, não poderíamos deixar de as incluir. Boal (2012,p.20), definiu-as enquanto teatralizar de “manifestações de protesto, marchas de camponeses, procissões laicas, desfiles, concentrações operárias ou de outros grupos organizados, comícios de rua,

etc., usando-se todos os elementos teatrais convenientes, como máscaras, canções danças, coreografia” (Boal,2012,p.20).

5. Teatro do Oprimido, Intervenção Social e Fenómeno Sem-Abrigo

Desde os anos 30 do século XX, que o recurso à arte enquanto instrumento terapêutico, de intervenção psicossocial e emancipação política, tem sido amplamente documentado (Velze, 2022).

Ao TO, tal como foi formulado, encontra-se associada uma dimensão de intervenção educativa, terapêutica, social e política, tendo vindo a ser aplicado em vários contextos desde hospitais, a escolas, a prisões, bairros sociais (Barbosa & Ferreira, 2017,p.441).

Nos últimos anos, no contexto Europeu, tem se assistido à proliferação de projetos artísticos com objetivos sociais (Serafino,2019), com grupos de “marginalizados”, “excluídos”. Ainda que assim seja, encontram-se ainda pouco documentadas as potencialidades latentes à aplicação do TO, no âmbito da intervenção social, nos Fenómenos da Exclusão Social. Em Portugal, apenas se destacam o estudo de Carmo (2008), levado a cabo com dois grupos de TO de Bairros periféricos da Área Metropolitana de Lisboa, Bairro do Alto da Cova da Moura e do Vale da Amoreira, e o de Martins e Lucio-Villegas (2014), no Bairro Horta da Areia em Faro.

A escassez de literatura torna-se ainda mais evidente quando apenas nos debruçamos sobre o Fenómeno SA. Será pelo facto de, ao longo da sua história, o fenómeno SA não suscitar o mesmo interesse que outros fenómenos suscitam (Aldeia,2011)? Ou será ainda pouco usual, a aplicação do TO, neste fenómeno em particular?

Questões que aqui, no estudo que se apresenta, ficarão por decifrar.

O que não ficará por responder, e dado que os recantos mais baixos do espaço social urbano têm cada vez mais demonstrado uma especial resistência às clássicas abordagens de intervenção (Cruz,2021), é a inquestionável urgência de se ir preenchendo este “vazio” na literatura.

II. METODOLOGIA

1. Objetivos e Questões de Investigação:

Esta investigação tem como finalidade explorar o potencial latente ao TO no estudo do fenómeno SA na Cidade do Porto, e, na perspetiva dos próprios atores sociais, explorar o valor do TO enquanto instrumento de intervenção social.

Assim, formularam-se as seguintes questões de investigação:

a) Em relação ao TO no estudo do Fenómeno SA na cidade do Porto:

- 1- Será capaz de captar quais as trajetórias conducentes à SSA?
- 2- Aceder aos significados que estes atores sociais atribuem à SSA?
- 3- Como se expressa o Fenómeno SA no espaço social urbano do Porto?
- 4- Que soluções os SA protagonizam para o Fenómeno?

b) Em relação ao TO enquanto instrumento de intervenção social com SA:

- 1- Em que se traduziram os seus impactos?

2. Desenho Metodológico

2.1. Método

2.1.1. Investigação Qualitativa

Tendo em conta os objetivos metodológicos supracitados optámos por um estudo de natureza qualitativa.

Nos últimos anos, a “pesquisa qualitativa” (Neves,1996), estabeleceu-se enquanto uma “linguagem de investigação” respeitada (Neuman,2014), no campo das ciências

sociais e comportamentais (Denzin & Lincon,1998;Angrosino,2007). Para Denzin & Lincon (1998), os prestigiados estudos que emergiram da Escola de Chicago, tinham como objeto os fenómenos sociais urbanos (Costa,1986) e foram responsáveis por esse reconhecimento. Exemplos clássicos são o *The Hobo* (1923) de N. Anderson, *The Ghetto* (1928) de L. Wirth, *The Taxi Dance Hall* (1932) de P. Cressey (Costa,1986).

Diferentes abordagens teóricas, epistemológicas e metodológicas, tornam-na objeto de difícil conceptualização (Angrosino,2007). No entanto, algumas características são predominantes, conferindo-lhe identidade própria (Angrosino,2007):

- 1- Percebe a realidade como sendo socialmente construída (Angrosino,2007);
- 2- Privilegia o processo social da sua construção (Neves,1996);
- 3- Entende esta construção como estando impregnada de significados (Silva,2013);
- 4- O investigador é um elemento fundamental no processo de investigação, por um lado, pela sua presença no contexto natural, por outro, pela interação com os atores sociais e pelo modo como as interpreta (Neves,1996;;Angrosino,2007;Silva,2013, Neuman,2014);
- 5- Preocupa-se em compreender, descrever e explicar os Fenómenos sociais (Minayo & Costa,2019)“a partir de dentro” (Angrosino,2007), isto é, em traduzir e expressar o sentido dos mundos sociais considerando os significados que os atores lhes atribuem (Neves,1996);
- 6- Dada a complexidade da realidade social, negam a existência de uma realidade “única” e de leituras “verdadeiras” (Braun & Clarke,2013), apenas de diferentes formas de a “olhar”.

2.1.2. Observação Participante em Contexto Natural

Conscientes da dificuldade em aceder a determinadas categorias sociais e “estruturas de comportamento (...) pelo seu carácter de marginalidade ou estado de exclusão social (...)” (Ferrarotti, 1983 como citado por Viegas, 2013,p 43), e que “entrar no mundo do fenómeno é um método necessário quando o fenómeno é condenado pela moral normativa” (Matza, 1981, p. 37), optámos por uma observação participante em

contexto natural, ou, e servindo-nos de uma expressão de Wacquant (2009 citado em Fernández,2012,p.56), uma “participação observante” em contexto natural.

A OP, facilitou um processo de imersão do investigador, enquanto ator social, num universo social específico da qual não era parte, para melhor compreendê-lo (Fernandes,1997a).

Através da socialização, característica imprescindível e distintiva deste método, o efeito “corpo estranho” do investigador (Fernandes,1997a), foi neutralizado. Assim, foi possível, e tendo como referencial as categorias de aproximação ao terreno objeto de estudo, de Neves (1996): uma **aproximação física** não delimitada apenas aos espaços-lugar destinados às sessões das oficinas do Projeto “Somos” mas também estendida aos pós sessão, ao café da esquina, onde tomávamos uma bebida quente, ao “lugar secreto” dos participantes do CAT Y, um parque urbano da cidade do Porto, aos percursos pela cidade em direção ao metro ou autocarro; uma **aproximação cognitiva**, através das conversas informais que permitiram o acesso privilegiado a informação pertinente para a investigação em curso; **uma aproximação afetivo-cognitiva**, que se verificou ao nível do estabelecimento de relações de confiança com os atores protagonistas do Fenómeno SA na cidade do Porto e também de TO.

Para Fernandes (1997a), o envolvimento participante do investigador no contexto a ser investigado, poderá ser: a) do tipo periférico, menos comprometido com atividades significantes e estruturadoras do contexto a ser investigado, é-se parte não se tornando parte; b) **tipo completo**, o investigador torna-se parte desse universo do social, na medida em que, é reconhecido e experimenta esse mundo como igual ao personificar o papel de ator social nativo; c) **tipo ativo**, envolvimento participante intermédio, o investigador participa nas atividades que dão unidade a esse social, mas não compartilha do mesmo estatuto no espaço social. Este último, foi posicionamento assumido pelo investigador.

Tendo participando em todas as atividades de experimentação e criação artística, incluindo como ator protagonista no espetáculo de TF, encontrou o ponto de equilíbrio entre um “estar de fora” e um “estar dentro” (Neves,1996). Estar de fora, porque investigador/investigados ocupam posições sociais distintas. Estar dentro, porque pretendíamos a naturalização da presença do investigador no contexto a ser investigado, de modo que os seus fluxos naturais não fossem totalmente adulterados pela sua presença.

3.Procedimentos

3.1 Técnicas de Recolha de Dados

3.1.1 Diário de Campo

As notas de campo, materializadas num Diário de Campo de 150 páginas, assumiram centralidade na prática de terreno. Configuraram-se uma forma de dar sentido, através da escrita, ao que se foi captando no terreno (Fernandes,2002).

Posto isto, procurámos descrever todo o processo de experimentação e criação artística; os espaços-lugar onde esse processo decorria; as interações investigador/investigados e os espaços-lugares onde se inscreviam; procurou-se captar a corporalidade dos atores sociais através da sua descrição física; registar os seus discursos, comportamentos, emoções, sentimentos, que nos transportam para os seus mundos sociais e subjetivos; as interações entre atores sociais protagonistas do fenómeno SA; estados de espírito e interpretações do investigador; reflexões teóricas e metodológicas.

3.1.2 Entrevistas Semiestruturadas e Histórias de Vida

Optámos pelas entrevistas semiestruturadas para aprofundar o que se foi observando no terreno, colocando os atores sociais na posição de “emissores diretos dos significados das suas condutas” (Fernandes, 1997a).

Estas entrevistas tiveram como base um guião (anexo 2), cuja construção foi orientada pelos objetivos metodológicos supramencionados. O guião, funcionou apenas enquanto indutor de temas, estimulando a livre expressão dos atores sociais (Fernandes, 1997a).

Algumas entrevistas, progrediram de forma espontânea para História de vida (=5)

A História de vida é um instrumento capaz de reconstituir e atribuir sentido a uma existência temporal e sócio espacial subjetiva, sobre o ponto de vista do sujeito que a narra (Becker,1994).

Neste estudo, este instrumento foi particularmente importante porque possibilitou a captação das trajetórias SA destes atores sociais.

3.2 Tratamento e Análise dos Dados

3.2.1 Análise de conteúdo

A análise de conteúdo apresenta-se enquanto um conjunto de técnicas de análise dos significados e significantes latentes ao que os dados comunicam. Neste estudo em específico, são as notas de campo e as entrevistas o “corpus da análise” (Bardin,2011).

Para Bardin (2011), a análise de conteúdo congrega três fases: a primeira fase, a da **pré-análise**, apresenta-se enquanto primeiro contacto com os dados, é uma imersão naquilo que eles veiculam, através de uma leitura “flutuante”; segue-se-lhe a fase da **exploração do material** que compreende a codificação, transformação dos dados brutos por meio de um processo de recorte por classificação em temas, seguindo-lhe a categorização, que se apresenta enquanto condensação dos dados brutos em grelhas de leitura simplificadas; por fim, a fase do **tratamento dos resultados**, através da inferência e interpretação, é o processo que procura tornar significativos e significantes para o estudo, o que esses mesmos dados comunicam.

4. Participantes

São 9 os participantes deste estudo (anexo 1). Oito do sexo masculino e apenas um do sexo feminino. Faixa etária entre 39 e os 59 anos. Todos os participantes são de nacionalidade portuguesa. O nível de escolaridade varia entre o 4º ano de escolaridade (=4), o 5º ano (=1), o 9º ano (=1) e o 12ºano (=3). A maioria dos participantes (=6) vive num CAT, os restantes (=3) num quarto.

Os três critérios de inclusão deste estudo são: a) encontrem-se em SSA (=9); b) terem participado de forma intensiva na segunda oficina do projeto (=6), ou, c) ainda que tenham participado de forma pontual, com eles ter construído uma relação significativa e

significante para o estudo (=3), nomeadamente, no que concerne ao conhecimento dos mundos subjetivos e sociais SA da Cidade do Porto. A definição do último critério foi importante para contornar o “*efeito flutuação*” de participantes.

O denominado “efeito flutuação”, testemunhado ao longo do trabalho de campo, traduz aquelas que foram as saídas repentinas e assiduidade residual de muitos dos participantes que foram integrando as Oficinas do Projeto “Somos”.

III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo irá proceder-se à apresentação e discussão dos resultados que derivaram da recolha empírica de dados e da sua posterior análise.

Encontra-se subdividido em dois temas principais: **1.** O Fenómeno Sem-Abrigo na Cidade do Porto e **2.** Fenómeno Sem-Abrigo e Teatro do Oprimido. O primeiro tema congrega duas categorias e subcategorias respetivas: **1.1.** Trajetórias Sem-Abrigo: **1.1.1.** Do individual ao Social e **1.1.2.** Aprisionados na Situação Sem-Abrigo; **1.2.** Formas de habitar o Espaço social Urbano: **1.2.1.** Habitar a Rua e **1.2.2.** Habitar um Centro de Alojamento Temporário. O segundo tema é composto por quatro categorias: **2.1.** Motivação para a integração na Oficina de Teatro Fórum **2.2.** Possível Olhar sobre o Efeito “Flutuação” dos Participantes **2.3.** Participação no Processo de Experimentação e Criação Artística; **2.4.** Impactos percebidos.

1. Fenómeno Sem-Abrigo na Cidade do Porto

1.1. Trajetórias Sem-Abrigo

1.1.1 Do individual ao Social

A trajetória SA dos atores sociais em estudo tem a **pobreza** como pano de fundo (=9). Distinguem-se os que sempre foram pobres (=6) (“*Vim de uma família muito pobre (...) fui sempre muito pobre*”(P2), dos que ficaram pobres em consequência de um processo de rutura dos laços do tecido social (=3) (*Eu vim de uma família com posses, sempre fui privilegiado. Depois já adulto e independente, sempre tive uma condição económica boa... Mas vieram os consumos... A partir daí foi sempre a descer... Desemprego, cortes com a família... Fiquei na ruína*)(P9). Curiosamente, não consideram que a pobreza tenha sido fator determinante nas suas trajetórias SA individuais (=9).

Consideram, no entanto, que a rutura em simultâneo dos “laços de filiação” e de “participação eletiva” (Paugam,2009), foram fator decisivo para se encontrarem numa SSA. Este resultado é congruente com os estudos de: Shier, Jones & Graham (2011),

Fernandes (2006), Rosa & Guadalupe (2015), Viegas (2013), Lino (2019). Entendem que as rupturas destes laços foram provocadas por contextos marcados pela violência doméstica (=1), diagnóstico de doença mental (=1), divórcios (=2), falecimentos (=4) e consumo problemático de álcool e/ou drogas (=3), (*“A minha mãe expulsou-me de casa por causa dos consumos... Mudei de cidade e arranjei uma namorada, ela fartou-se dos meus consumos e perdi-a... Andei em casas de familiares, mas expulsaram-me também”*)(P9).

Este último resultado, referente ao consumo problemático de álcool e/ou drogas enquanto fator propulsor da ruptura dos laços de filiação e participação eletiva, é congruente com os estudos de Grigsby e colaboradores (1990), no entanto, diverge dos encontrados no estudo de Zlotnick, Tam, e Robertson (2004). O estudo destes últimos autores sugere que o consumo problemático de drogas ou álcool não tem qualquer influência ao nível de rupturas com relações familiares e extra familiares.

Quanto aos **consumos problemáticos** de álcool (=3) e drogas (=2), neste estudo em particular, e tal como nos estudos de Amato & Macdonald (2011); Viegas (2013); Ramadhan (2016); Lino (2019), não surgiram como resultado de uma SSA, antes pelo contrário, terão eles desencadeado, não de forma isolada e em conjunto com outros fatores, uma SSA (*“Com uns 18, 19 anos vieram as malditas drogas que deram cabo da minha vida. Comecei pelo haxixe, depois se não me engano, em 80 e qualquer coisa, houve uma grande falha de haxixe e apareceu a heroína e eu meti-me na heroína (...) Quis experimentar, senti-me bem a primeira vez e nunca mais parei (...) Fui dos primeiros no Bairro K. a meter-me na heroína (...) Nessa altura só vivia para a droga (...) Sim, foi uma das razões de ter ficado SA”*) (P1).

De um total de seis participantes com uma trajetória de consumos associado, quatro encontram-se atualmente abstinentes.

O estudo de Zlotnick e colaboradores (2003) assevera que os sujeitos que se encontram em SSA sem consumos de álcool ou droga associado, têm uma maior probabilidade de a reverter, pois favorece a recuperação dos laços do vínculo social. Neste estudo em concreto, ainda que efetivamente os resultados comprovem a recuperação de alguns dos laços que compõem o vínculo social, não se vislumbra, ainda, qualquer possibilidade de reversão desta situação.

Ser vítima de violência **doméstica** assumiu grande protagonismo na sua trajetória SA de P2 (*“Ele (o meu pai), batia-nos como animais(...) Quando comecei a ficar mais*

velho queria sair de casa. Era muito duro, tentei aguentar o tempo que podia para juntar dinheiro e sair... Mas depois, nem 18 anos e nem dinheiro tinha, mas saí de casa. Apanhei o comboio sem destino...”). Este resultado é consonante com a literatura, a violência doméstica constitui-se fator de risco para uma SSA no período da adolescência: Maccharty & Hagan (1992); Bento & Barreto (2002); Mar e colaboradores (2014); Kidd (2014). Ainda a respeito da violência doméstica, o estudo longitudinal de Caton e colaboradores (2005), com 377 adultos SA, evidencia que uma trajetória por ela marcada constitui-se fator de risco para a cronicidade da SSA.

De acordo com a literatura, a prevalência de **doença mental** na população SA é superior quando comparado com a população geral (Bento & Barreto,2002; Jorge,2022). Contudo, não se verifica uma incidência significativa de doença mental nesta amostra da população SA (=3). Outra questão que se coloca é “será a doença mental que conduz a uma SSA ? Ou a condição de SA precipita a doença mental?” (Jorge, 2022, p.490). Neste estudo em particular, os resultados apontam para ambas as hipóteses (=2). No caso de P2, ao deparar-se com os obstáculos que se interpõem à reversão da SSA, desenvolveu uma grave depressão que quase o levou ao suicídio (“*Tentei... Cortei os pulsos... Com um vidro, pela altura do Natal... Estive 8 dias internado no Magalhães Lemos*”). Já no caso de P4, as dificuldades financeiras que derivam de uma incapacidade parcial após um acidente de trabalho, “empurraram-no” para uma depressão que motivou o seu divórcio e a sua saída de casa, estando em SSA já há 10 anos.

A fragilidade dos “**Laços de Cidadania**” não é percebida pelos participantes como que fazendo parte da sua trajetória SA (Paugam,2009), ainda assim, é possível identificá-la nas suas narrativas.

O processo de **Desinstitucionalização** vinculado ao Sistema Prisional de P1, é excelente analisador de como esta fragilidade, que se verifica ao nível da não ativação dos mecanismos de reinserção social, poderá operar nas trajetórias SA (“*Acabou-me a pena e um belo dia de manhã Olha para a rua... E eu nem casa tinha (...) e não tinha para onde ir, fui dormir para debaixo de uma capela! (...) Os meus irmãos já tinham a sua vida (...). O meu pai era um homem do álcool, perdi contacto com ele (...) a minha mãe tinha falecido (...) Não tinha ninguém.*”). A propósito, a passagem e permanência no Sistema Prisional, por um período significativo também é parte da trajetória de P3.

Alguns estudos, como o de Hughes, Wilson & Becky (2001), Rosemann e colaboradores (1999) e Metraux & Culhane (2004), ilustram a existência de uma estreita relação entre o Fenómeno SA e o Sistema Prisional: uma percentagem expressiva de reclusos já esteve numa SSA nalgum período da sua trajetória, ou estava, quando foi condenado e privado da sua liberdade; uma percentagem considerável de ex-reclusos fica numa SSA no primeiro ano após a sua libertação; a probabilidade de um ex-recluso ficar numa SSA é superior quando este apresenta uma trajetória anterior de ST ou SC.

Um outro analisador é também uma situação de ST de P5, em que a **perda de habitação** em consequência de um despejo ilegal, põe a descoberto o “descartar” do Estado das suas responsabilidades sociais (*“Fui despejado ilegalmente porque eu tinha a renda em dia. Os meus falecidos pais pagavam 3 contos na altura, foi aumentando.... Estava a pagar 136 euros, conseguia pagar esse valor mesmo estando desempregado, por causa do RSI. Sempre cumpri a obrigação de pagar a renda, mas o senhorio queria vender a casa e não queria lá o inquilino... Consegui pô-lo em tribunal, mas aquilo não anda nem desanda, aos anos que é assim... O Estado nem um advogado de jeito me dá, enquanto isso eu fico SA”*)(P5).

A trajetória SA de todos estes atores sociais é pautada por **rupturas dos “Laços de participação orgânica”** (Paugam,2009). Apenas 1 a percebe como fator propulsor da sua SSA (*“Fiquei sem trabalho e fiquei na rua”*) (P6), ainda assim, percebem que a restauração deste laço é determinante para a reversão da SSA. Também no estudo de Rosa & Guadalupe (2015) e Lino (2019), os participantes não atribuíam grande peso ao laço de participação orgânica na precipitação da sua SSA, embora reconhecessem que contribuía significativamente para a sua manutenção.

A integração no **mundo laboral convencional** destes atores sociais, sempre se caracterizou pelos baixos salários e pela precariedade laboral (=9) (*“(...) Em 12 anos, o único emprego que arranjei, foi no ramo das telecomunicações. Mas era um emprego de uma empresa de trabalho temporário...Eu cumpri sempre com as minhas funções e acabei por estar lá cerca de meio ano, ao fim desse meio ano e sem motivo aparente, rescindiram o contrato sem qualquer tipo de explicação”*)(P5). Nalguns casos (=6) a precariedade laboral relaciona-se com as baixas qualificações, mas a proporcionalidade desta relação, que nos é muitas vezes apresentada na literatura, é também refutada pelos resultados deste estudo (=3) (Anexo I).

Longos períodos de Desemprego, aliados a proteções sociais parcas, definem igualmente a trajetória SA destes participantes (=7). Verifica-se, assim, uma maior vulnerabilidade económica, pela incapacidade de fazerem face a potenciais riscos sociais.

Os resultados também apontam para **rupturas** com o **mundo laboral convencional** (=2), para o desenvolvimento de “carreiras desviantes” (Becker,2008), carreiras duradouras no mundo do Tráfico de Droga nos bairros sociais periféricos da cidade do Porto, os denominados “Territórios Psicotrópicos” (Fernandes & Pinto, 2004). Inicialmente, era meio para satisfazer as necessidades de consumo, mas, a determinada altura, os valores auferidos com o tráfico e a possibilidade de transpor “fronteiras sociais”, eram de tal modo sedutores, que o regresso ao mercado de laboral convencional já não era equacionado (“*Na altura ganhava 600 contos por dia. Eu ganhava esse dinheiro de lucro, porque tirava algum para consumir (...) por a cocaína ser consumida por pessoas importantes, estimulava-me mais para vender*”)(P1).

1.1.2. Apriados na Situação Sem-Abrigo

Encontramo-nos agora no domínio das “referências simbólicas” (Costa,2001), todos os participantes expressam sentirem-se apriados na SSA e descrentes em relação a uma possível reversão da sua situação.

Atribuem estes sentimentos aos **obstáculos** que se entrepõem no acesso ao mercado laboral, por pertencerem à categoria SA (“*Um gajo quer mas não arranja trabalho. Ninguém nos quer a nós. Somos apenas uns cães de rua*”) (P2); à **precariedade laboral** e ao desemprego (“*atualmente, não há trabalhos fixos (...) Imaginemos que assino um contrato, até a ganhar mais que o salário mínimo, alugo um T0, no final do ano o mais certo é a empresa rescindir e eu ficar outra vez no desemprego e SA, porque não consigo pagar o aluguer*”)(P5); e à **discrepância** entre aqueles que são os valores auferidos dos sistemas de **proteção social** e os **valores praticados no Mercado de Habitação** (“*Com os apoios que recebemos, 190 de RSI, não conseguimos ir para lado nenhum. Não dá para nada, mesmo para um quarto não dá Só um quarto fica 300 euros, 350, onde é que temos dinheiro para isso? É por isso que há muita gente na rua*”) (P2); (*São valores ridículos... Ninguém consegue...Muita gente entra em desequilíbrio ... (...) Às vezes penso “Meu Deus como é possível?”*)(P4).

Estes resultados divergem dos encontrados num estudo levado a cabo por Lopes e Mendonça (2009). Os participantes compreendem os fatores que obstaculizam a reversão da SSA enquanto questão estrutural e não individual. Contudo, são congruentes com os encontrados nos estudos de Thelen (2006) e Aldeia (2017). Os SA manifestam o desejo de integrar o mercado laboral, mas as oportunidades são praticamente inexistentes ou com condições que não contribuem para a reversão da SSA. Os mesmos estudos asseveram que a associação com a categoria SA é obstáculo à sua empregabilidade. São também concordantes com os estudos de Batista e Marlier (2019) e Perista (2019). A desregulamentação do mercado habitacional, ou seja, o aumento exponencial dos custos da habitação, e carência de habitação acessível, aumenta o risco iminente de uma SSA impossibilitando a sua reversão.

Esta sensação de aprisionamento, também deriva das características das suas trajetórias SA (=9), que se expressam em entradas sem saídas (=7), ou saídas ilusórias (=2) (*“Fiquei na rua uns tempos, depois conheci uma pessoa que me deu trabalho cá no Porto ... Trabalhei (...) Estava num quarto nessa altura, só que o dono daquilo queria fazer obras para fazer tipo um Hostel. Nessa altura, já não tinha trabalho e então vim parar à rua. Estive cerca de dez anos... Não conseguia ter forças para sair daquela situação... Depois não sei o que me deu, comecei a procurar emprego... Arranjei de limpezas (...) Aluguei um quarto... Mas depois não quiseram renovar o contrato lá no trabalho e mandaram-me embora... Depois já não conseguia trabalho... E vim outra vez para a rua”*)(P2).

1.2. Fenómeno Sem-abrigo e Formas de Habitar o Espaço Social Urbano

Nas décadas de 80 e 90, uma das “crises cíclicas” do modelo neoliberal (Wacquant,2007;2008), a par da Desinstitucionalização Psiquiátrica, fez aumentar o número de SA nas ruas das grandes metrópoles (Bento & Barreto,2002; Schutt,2008; Hurtubise, Babin & Grimard,2009), simultaneamente, os abrigos para ST eclodiram no cenário urbano e suburbano (Hurtubise, Babin, & Grimard,2009; Schutt,2008).

A rua, deixa de ser em exclusivo, o palco de existência SA na cidade contemporânea, como Pais (2016) a apelidou, ou melhor, único espaço de luta e resistência SA por uma existência (Sarmiento & Leão, 2021).

1.2.1. Habitar a Rua

Do total dos participantes deste estudo mais de metade (=5) já viveu na rua. O **período de permanência na rua** varia de participante para participante: **P1** esteve a viver na rua por um período de dois meses; no caso de **P2** o período de permanência na rua, alternado com temporadas em que conseguiu alugar um quarto, varia entre os 3 meses, passando por um período de 10 anos consecutivos, a duas semanas; **P3** esteve na rua por 8 anos e por outros períodos mais curtos que correspondem a períodos de expulsão dos CAT e a um episódio em que foi expulso de uma comunidade terapêutica; **P4** não sabe precisar períodos temporais específicos, ia tentando intercalar o viver na rua com estadias em casa de diferentes sujeitos que constituem a sua rede de apoio informal; **P6** por um período de seis meses.

O **espaço de permanência** na rua é ponto comum entre os participantes, centro da cidade do Porto. Justificam a escolha deste local pela proximidade aos serviços de apoio (=3) (*“é lá que é mais perto para tomar banho, para ir comer e onde as carrinhas passam”*)(P3), coincidindo com os resultados encontrados no estudo de Sarmiento e Leão (2011) e de Viegas (2013).

Embora os períodos cronológicos de permanência na rua sejam coincidentes, no caso concreto de quatro dos participantes, apenas dois (P2 e P3) se conhecem desse período por pernoitarem no mesmo local.

Quanto ao modo como estes atores sociais percebem o habitar a rua, as suas narrativas, e à semelhança do estudo longitudinal de Doorn (2010), põem em evidência alterações relativas à Perceção do Tempo (=4). A Perceção de Tempo do sujeito em situação de rua vai-se dissipando e vai vivendo num tempo particular, um tempo que parece marcar os ritmos próprios das margens. (*“Quando olhas já passaram dez anos.. Cada dia é igual ao outro... Não tens noção do tempo”*) (P2). Põem também em evidência, o sentimento de insegurança que é sentido apenas durante o período da noite (*“O dia é uma coisa, a noite é outra... é como que o diabo e as trevas tivessem descido à terra”*) (P3), e o rigor dos meses de Inverno (=3) (*“É fodido estar na rua assim com temporal, frio, chuva, vento”*) (P6). Mas também fazem notar que o estigma social configura-se como um dos elementos caracterizadores da vida na rua (=2) (*“Olham para ti como se fosses um cão*

vadio a vaguear... Como se fosses uma merda ... E ao olhar deles sou ... E às vezes acho que sou”)(P2). De acordo com Goffman (1988) e Snow e Anderson (1987), o estigma que recai sobre as identidades SA, enquanto objeto social, poderá determinar que estas subjetividades o incorporem e passem a perceber a sua identidade enquanto insignificante.

Perante a realidade áspera da vida na urbe, os participantes desenvolveram algumas **estratégias de sobrevivência**, tais como: procurar cartões nos lixos dos supermercados para se protegerem dos olhares público e para tornar o espaço de pernoita mais confortável; procurar locais semipúblicos internos, como o aeroporto, para se protegerem do frio, da chuva e do vento; pernoitar em locais específicos e em grupo por considerarem mais seguro (*“Depois comecei a dormir com eles e isso já dá outra segurança. Depois de um tempo na rua, um gajo também vai percebendo onde é mais seguro”*) (P2); racionarem comida (*“Eu guardava a comida que as carrinhas traziam de noite e ia comendo aos poucos para durar mais”*) (P2); a própria gestão do quotidiano também se apresenta enquanto estratégia de sobrevivência, sendo organizada de acordo com as necessidades de alimentação e higiene. Os serviços de apoio social constituem-se, portanto, enquanto estruturadores desse mesmo quotidiano (*“O meu dia-a-dia era ir às instituições ver se conseguia tomar um banho, ao meio-dia ia lá comer...”*)(P6). O que é congruente com o estudo de Fernandes (2006).

1.2.2. Habitar um Centro de Alojamento Temporário

De um total de nove participantes, cinco, encontram-se atualmente a viver num CAT.

Consideram que o viver num CAT tem aspetos positivos, como a promoção da autonomia e a satisfação das necessidades básicas (*“Aqui tens o que comer, podes tomar banho, tens cama, roupa, calçado (...) Começas a aprender como te governares (...) Explicam tudo sobre os apoios que tens direito, um gajo às vezes não sabe disso e passa mal por não saber (...) Como preencher papéis, que documentos é preciso, onde se tem de ir”*)(P6), mas também aspetos negativos, cimentados em torno de uma certa prepotência destas extensões do estado social que se manifesta na forma como se apoderam da

“maneira de viver e do «como» da vida” destes sujeitos (Foucault,2006)(“*Não somos livres! É só regras, horas para tudo ...Foda-se o caralho do controlo, um gajo saí da prisão para outra*”)(P3); (“*Tentam que sejamos como eles querem e se não formos ameaçam com expulsão*”) (P6).

Todos estes participantes já viveram em CAT distintos. Os resultados sugerem a existência de diferenças significativas ao nível das condições de alimentação, higiene, pernoita entre os vários CAT existentes na cidade do Porto (No *Y. tem melhores condições. Tem quatinhos em condições, vai-se tomar banho e não temos nojo, a comida é boa*) (P6). Também apontam no sentido de existência de **critérios de seleção e distribuição SA** neste tipo de respostas sociais (=3) (“*Lá no CAT X. e no Q. havia muitos consumidores de droga e álcool, doentes mentais. No Y. as pessoas são mais normais...já não estão no álcool, nem nas drogas, não têm tantos problemas da cabeça*”) (P6); (“*Lá no X. é só malucos, bêbados e drogados...No Y. não*”) (P3).

Ainda que na literatura façam referência à existência de padrões habituais de distanciamento e dissociação nas narrativas dos atores sociais em SSA, em relação à categoria ou subgrupos SA - mecanismo de diferenciação do Self de identidades, que não percecionam enquanto identidades sociais desejáveis (Snow & Anderson, 1987) - este resultado é congruente com o estudo de Menezes (2008). A distribuição das pessoas em SSA por estes espaços, parece ser determinada por um critério de diferenciação - “adaptáveis” e “não adaptáveis”- perpetuando processos de marginalização social e segregação de subgrupos da população SA (Menezes,2008)

2. Teatro do Oprimido e Fenómeno Sem-Abrigo

2.1. Motivações Integração na Oficina de Teatro Fórum

As motivações para a integração na oficina de TF, traduzem-se do seguinte modo: **curiosidade e vontade de experimentar algo novo** (=2) (“*Eu tinha curiosidade em relação ao teatro, foi algo que eu nunca fiz (...) queria explorar*”) (P7); experiências anteriores positivas em projetos de intervenção social, cujo principal instrumento era o teatro na sua forma tradicional (=2) (“*Foi por causa de um projeto de Teatro (...) Teatro*”)

normal...Foi lá que me apaixonei pelo Teatro... Por isso é que quis vir”)(P1); necessidade de **ocupação do tempo** e de um **sentido de comprometimento no quotidiano** (=3) (*“Aquilo pronto era uma forma de eu também me ocupar e de me comprometer com algo no dia-a-dia”*) (P9).

Para P2, a motivação prendia-se com o **medo** de ser expulso do CAT onde se encontra e voltar a viver na rua (*“Falaram a quem não estava em formações para participar e eu senti-me obrigado a ir, porque não quero fazer nada que seja motivo para me mandarem para a rua...Não me obrigaram ... Mas eu sentia que tinha de ir”*). Duas questões se levantam: será este resultado apenas uma evidência, legítima, do temor deste participante em voltar para a realidade áspera das ruas? Ou estaremos, também, perante uma evidência de como os mecanismos de “adestramento do social” se encontram diluídos nas extensões do Estado Social e operam a um nível subjetivo (Focault,2013)?

2.2. Possível Olhar sobre o Efeito “Flutuação” dos Participantes

Apenas seis participantes participaram de forma intensiva no processo de experimentação e criação artística da Oficina T.F (P1, P2, P6, P7, P8, P9), os restantes participantes (P3, P4, P5), foram participando pontualmente. Os resultados indicam que este Efeito de “Flutuação” é resultado da impossibilidade de conciliação das sessões de TF com a integração em formações financiadas pelo IEFP (=3) (*“Comecei uma formação de cozinha e não deu para ir tantas vezes. Até deviam de fazer outros horários.... Metem aquilo durante a semana... Nós somos SA...Temos de ir para formações ou para trabalho.... É que se ao menos pagassem... Temos de pagar o CAT e também temos prazo para sair de lá.... Parece que se esquecem disso!”*) (P5)

2.3. Participação no Processo de Experimentação e Criação Artística

Da participação num processo de experimentação e criação artística, os atores sociais em estudo destacam o experimentar de um **sentimento de insegurança** profundo. A intensidade deste sentimento derivou não apenas da natureza coletiva do processo, mas também pela natureza disruptiva da metodologia de TO (*Tive muito medo (...) muitas inseguranças de estar com pessoas ... Estar a fazer exercícios e jogos que me faziam sentir*

diferente e estranha.... Estar ali à frente de outras pessoas a fazê-lo... Tive tanto medo...pensei muitas vezes em desistir”) (P7).

A par do sentimento de insegurança, as suas narrativas põem em evidência um experimentar de um **sentimento de autoeficácia** (=5) (*“Foi difícil (...) Mas levei até ao fim... e depois ser aplaudido por tantas pessoas no espetáculo (...) Superas-te a ti próprio e aos teus limites”*) (P1); (*“No espetáculo deixei o público satisfeito, era uma personagem importante e senti que consegui concluir alguma coisa”*) (P6). Para além disso, realçam o experimentar de um **sentimento de validação subjetiva** (=9), de sentimentos e estados emocionais. Por compartilharem este processo com sujeitos que ocupam a mesma posição no palco social (*“(...) não me senti o único em algumas coisas... Saber que há pessoas que passam o que passámos... por isso entendem-nos melhor”*)(P4).

2.4. Impactos Percebidos

Os impactos percebidos verificam-se ao nível da: **descoberta de um novo sentido de existência** (=3) (*“Veio dar mais cor aos meus dias...Descobri aos 55 anos, algo que gosto de fazer e que me apaixonei (Teatro)... Penso muitas vezes “ah estou aqui a limpar”*(trabalho como empregada de limpeza que entretanto conseguiu) *preferia estar no teatro”*)(P7); no **aumento da autoconfiança** (=5) (*“Senti mais confiança depois disso... consegui atuar para 70 pessoas, tudo o resto parecia mais fácil nos dias a seguir”*) (P6); na **aquisição de competências artísticas** (=4) (*“Aprendi a preparar personagens, a preparar as cenas de um espetáculo”*) (P1); na **aquisição de competências sociais** (=9) (*“Eu agora tenho mais facilidade em criar laços por causa do Teatro... Sempre fui mais sozinho... Não conseguia relacionar-me ”*) (P1); (*“Sempre fui muito reservado e fechado. Nos CAT tinha dificuldade em falar com outras pessoas e o teatro ensinou-me a lidar com isso. Nos CAT ficava o dia todo fora e só vinha à noite porque tinha receio de estar com pessoas. Quando entrei no teatro, isso mudou...”*) (P4); **Desenvolvimento pessoal** (=9) (*“É um espaço de transformação... Sou outro Homem... Tenho a mente mais aberta... Vejo o mundo de outra forma*) (P1); na restauração dos **“Laços de participação eletiva”** (Paugam,2009) (=9), (*“Ajudou-me a conhecer pessoas e criar relações, sempre fui sozinho”*) (P9); Mas também apontam para a existência de um sentimento de recuperação da visibilidade no espaço social, pelo recuperar da voz já há muito silenciada (=4) (*“aquilo é o que vivo e sinto...soube bem mostrar às pessoas, a pessoas importantes da câmara* (no

espetáculo), *não ser lembrado só no Natal*(P2); (*“Senti-me ouvido, falei tudo o que queria falar (...).”* (P5); (*olham para nós diferente... como se fossemos menos ... e a peça foi importante para as pessoas verem o que passámos... E acho que vendo isso elas começam a ter outros pontos de vista.”*)(P6); e pela concretização da Arte como Direito Humano (=3), estabelecido no artigo 27º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), uma vez que a cultura era percebida enquanto universo inatingível dado a posição no espaço social que ocupam (*“Nunca pensei ... Fazer teatro e ir ver teatro ao São João e ao Campo Alegre. Foi especial porque nunca tinha visto essas coisas, coisas tão bonitas, não costuma ser para pessoas como nós...”*)(P6).

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que os resultados deste estudo não sejam passíveis de ser generalizados, pelas idiosincrasias do contexto em análise, são contributo valioso captando algum do potencial resultante da diluição do TO no Fenómeno SA.

A riqueza dos dados recolhidos ao longo do trabalho de campo, referentes aos atores e mundos sociais do Fenómeno SA da Cidade do Porto, e considerando o curto espaço de tempo e a “natureza lenta das observações participantes” (Fernandes,1997a),foi apenas possível graças à metodologia de Boal. O facto de investigador/investigados compartilharem um processo que os faz questionar o papel que lhes foi socialmente prescrito pelos processos de “mapeamento do social” (Bourdieu,1995), e/ou que prescrevem a si próprios, foi pondo naturalmente a descoberto algumas tonalidades dos mundos SA, favorecendo e agilizando o surgimento do “momento” em que (...) começa um outro olhar do outro sobre nós. O olhar que confia, porque nos vê perto das suas vidas e do seu mundo” (Fernandes,1997a,p.69).

Os resultados sugerem que a trajetória SSA é um culminar de um processo de múltiplas ruturas do laço social. Este processo conjuga tanto fatores de ordem individual, como fatores de ordem estrutural, que se vão entrelaçando. Ainda que os fatores propulsores destas trajetórias possam ser análogos, o modo como estes se entrecruzam, só faz sentido, quando analisados à luz da existência subjetiva da pessoa em SSA, dado o carácter particular dessa relação de entrecruzamento (Fitzpatrick,2005). Validam ainda uma hipótese levantada pelo estudo de O’Flaherty (2009), os sujeitos tendem a atribuir a SSA, ao(s) fator(s) individual e/ou social que em termos temporais, imediatamente o precede(m), o que de acordo com Fernandes (2006, p.102), se deve à complexidade da “teia de relações estabelecidas entre os diversos acontecimentos (des)estruturadores dos seus percursos de vida (...)” cuja “inteligibilidade (...) passa pela abreviação dos fatores apontados.

Quanto à SSA, os participantes demonstram ter capacidade de análise crítica ao nível macrossocial, no entanto, não foi possível determinar se esta capacidade é resultado da aplicação do TO com este grupo de oprimidos, ou, se é fruto da experiência inerente à posição que ocupam no espaço social.

Também foi possível nos familiarizarmos com as formas SA de habitar o espaço social urbano, considerando os significados que atores sociais lhes atribuem. Formas que mesmo inscritas nas extensões do estado social, são desumanizantes, reduzindo o SA quase a um “não-humano”, a um “não cidadão”(Wacquant,2007).

Os resultados deste estudo vêm dar força aos argumentos de Wacquant(2007), no sentido que comprovam a incapacidade do Estado Social em lidar com Fenómenos Sociais Urbanos emergentes e persistentes. Na continuidade desta evidência empírica, aproveitámos, para deixar algumas questões para reflexão: Qual é que deverá ser o papel do Estado Social na gestão deste Fenómeno? Que mudanças deverão ser operadas nas estruturas que o compõem?

O ímpeto mais primário do ser humano é procura por uma presença significativa no espaço social que dê valor à sua existência. Os papéis atribuídos e desempenhados pelos SA neste espaço, encontram-se desprovidos de algum sentido de valor e utilidade (Snow& Anderson, 1987). O TO, veio, (re)significar a existência deste subgrupo SA.

Os resultados ressaltaram também uma dimensão importante que poderá, ou melhor, deverá ter implicações na prática. Os projetos de intervenção social deverão desejavelmente, e, estando vinculados a subjetividades e grupos sociais específicos, implicá-las na sua co construção, no sentido, em que não deverão ser apenas para as pessoas, mas com as pessoas (Mendonça,2002). Mesmo face à impossibilidade de financiarem a sua participação, muitas das vezes por razões relacionadas com o subfinanciamento, não se poderão descurar outras dimensões, tal como os horários em que as atividades dos projetos decorrem.

Concluimos que esta investigação apresenta algumas limitações que derivam da abrangência das dimensões em estudo, o que acabou por lhe retirar alguma profundidade, falhando, principalmente, na captação do processo de aplicação do TO. No entanto, é um bom ponto de partida para futuras investigações. Como por exemplo, considerámos pertinente a replicação deste estudo, com outros grupos SA, privilegiando a captação do processo, mas também a realização de estudos longitudinais que apresentem evidências concretas que traduzam como o TO poderá ter ou não impacto nos processos de reversão da SSA.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aldeia, J. (2017). A centralidade do Trabalho no Fenómeno dos Sem-Abrigo. *Revista Labor*, 1(11), pp. 20-39. <http://dx.doi.org/10.29148/labor.v1i11.6620>
- Aldeia, J. M. (2011). "A Barraca do Rui" : os laços sociais no fenómeno dos sem-abrigo. (Dissertação de Mestrado).Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/15725>
- Amato, F., & Macdonald, J. (2011). Examining Risk Factors for Homeless Men: Gender Role Conflict, Help-Seeking Behaviors, Substance Abuse and Violence. *The Journal of Men`s Studies*, 19(3), pp. 227-235. <http://dx.doi.org/10.3149/jms.1903.227>
- Ancieto, A. P. (2017). *O Teatro do Oprimido: Uma Poética da Transgressão. Formando Espect-Atores*.(Tese de Doutoramento).Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/20656>
- Angrosino, M. (2007). *Doing Ethnographic and Observational Research*. Thousand Oaks, Califórnia: SAGE Publications Ltd.
- Araújo, S. R. (2006). *Corpo a corpo (1970) de Oduvaldo Vianna Filho: do texto dramático à encenação do Grupo Tapa de São Paulo em 1995*. (Tese de pós-graduação) Universidade Federal da Uberlândia, Minas Gerais. <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2006.03>
- Baptista, I., & Marlier, E. (2019). *Fighting homelessness and housing exclusion in Europe*. Brussels: European Comission.
- Barbosa, I. (2016). O fascismo ainda mora cá dentro? O teatro-jornal e o discurso da austeridade. *Educação, Sociedade & Culturas*(49), pp. 31-50. <https://doi.org/10.34626/esc.vi49.166>
- Barbosa, I., & Ferreira, F. I. (2017). Teatro do Oprimido e projeto emancipatório: mutações, fragilidades e combates. *Sociedade e Estado*(2), pp. 439-463. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922017.3202008>
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

- Becker, H. S. (1994). *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais* (2ª ed.). São Paulo: Editora Hucitec.
- Becker, H. S. (2008). *Outsiders: estudos da sociologia do desvio*. Rio de Janeiro : Zahar.
- Behnken, L. M. (2015). O público oferecia as propostas de leis. In *Augusto Boal: Atos de um Percurso* (pp. 129-131). Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil.
- Bento, A., & Barreto, E. (2002). *Sem-Amor Sem-Abrigo*. Lisboa : Climepsi Editores.
- Betti, M. S. (2013). A politização do teatro: do Arena ao CPC. In *História do Teatro Brasileiro*. São Paulo: Edições SESC SP.
- Boal, A. (1996). *O arco-íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Boal, A. (1998). *Jogos Para Atores e Não Atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Boal, A. (2012). *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas* (12ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira .
- Bourdieu, P. (1995). *Physical space, Social space and Habitus*. Oslo: Postboks.
- Braun, V., & Clarke, V. (2013). *Successful qualitative research: A practical guide for beginners*. SAGE Publications.
- Britto, G. (2015). Teatro Popular no Brasil. In *Augusto Boal: Atos de um Percurso* (pp. 118-122). Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil.
- Carmo, A. (2018). Cidadania em espaços (sub)urbanos: o Teatro do Oprimido no Alto da Cova da Moura e no Vale da Amoreira. *Revista Sociedade e Estado*, 33(2), pp. 581-603. <https://doi.org/10.1590/s0102-699220183302015>
- Castel, R. (1995). *Les métamorphoses de la question sociale: une chronique du salariat*. Fayard.
- Caton, C. M., Dominguez, B., Schanzer, B., Hasin, D., Shrout, P., Felix, A., Mcquistion, H., Opler, L., Hsu, E. (2005). Risk Factors for Long-Term Homelessness: Findings From a Longitudinal Study of First-Time Homeless Single Adults. *American journal of public health*, 95(9), pp. 1753-1759.

- Centro Cultural Banco do Brasil. (2015). *Augusto Boal: Atos de um percurso*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil.
- Chagas, P. (2015). Laboratórios do Teatro Arena. In *Augusto Boal: Atos de um Percurso* (pp. 30-33). Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil.
- Costa, A. B. (2001). *Exclusões Sociais* (2ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Costa, A. F. (1986). A Pesquisa de Terreno em Sociologia. In A. S. Silva, & J. M. Pinto, *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 129-148). Porto: Edições Afrontamento.
- Cruz, H. (2021). *Práticas artísticas comunitárias e participação cívica e política: experiências de grupos teatrais em Portugal e no Brasil*. (Tese de Doutoramento). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Porto, Porto. <https://hdl.handle.net/10216/132440>
- Declaração Universal dos Direitos Humanos. (1948). <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>
- Denzin, N. K., & Lincon, Y. S. (1994). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, Califórnia: Sage Publications.
- Doorn, L. (2010). Perceptions of Time and Space of (Formerly) Homeless Peoples. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*(20), 218-238.
- Erven, E. (1988). *Radical People's Theatre*. Indianapolis: Indiana University Press.
- Fernandes, J. L. (1997a). *Actores e territórios psicotrópicos: etnografia das drogas numa periferia urbana*. (Tese de Doutoramento). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Porto, Porto. <https://hdl.handle.net/10216/18145>
- Fernandes, J. L. (1997b). Os lugares onde a cidade se interrompe. *Revista do Ministério Público*(69), pp. 81-100.
- Fernandes, J. L. (2014). A exclusão social como revelador das relações entre violência estrutural e violência quotidiana. *Quaderns-e Institut Català d' Antropologia*(19), pp. 175-186. <https://hdl.handle.net/10216/73780>
- Fernandes, L. (1998). Redefinir exclusão Social. *Antropológicas*(2), pp. 85-92.

- Fernandes, L. (2002). Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: as facetas da escrita etnográfica. In T. H. Caria, *Experiência etnográfica em ciências sociais* (pp. 23-40). Coimbra: Edições Afrontamento.
- Fernandes, L., & Carvalho, M. C. (2000). Problemas no estudo etnográfico de objectos fluidos: Os casos do sentimento de insegurança e da exclusão social. *Educação Sociedade & Culturas*(14), pp. 59-88.
- Fernandes, L., & Pinto, M. (2004). El Espacio Urbano como Dispositivo de Control Social: Territorios Psicotrópicos y Políticas de la Ciudad. *Monografias Humanitas*(5), pp. 147-162. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/17756>
- Fernandes, M. M. (2006). Fechados no silêncio: os sem abrigo (Dissertação de Mestrado). *Universidade Aberta*. <http://hdl.handle.net/10400.2/619>
- Fernández, J. M. (2012). Cuerpo, Mente y Gueto. Una Reapropiación Creativa de La Teoría de La Práctica de Pierre Bourdieu. In M. A. Delgado, L. E. Alonso, P. Bourdieu, L. K. Cheliotis, J. M. Fernández, F. Ferrándiz, I. Sánchez, F. Román, D. Malventi, M-M. Müller, J. Pegoraro, A. Maíllo, L. Wacquant, & . S. Xenaki (Ed.), *Teoría Social, Marginalidad Urbana Y Estado Penal: Aproximaciones al trabajo de Loïc Wacquant* (pp. 51-88). Madrid: Dykinson.
- Fitzpatrick, S. (2005). Explaining Homelessness: a Critical Realist Perspective. *Housing, Theory and Society*, 22, pp. 1-17. <https://doi.org/10.1080/14036090510034563>
- Foucault, M. (1978). *História da loucura na idade clássica*. Editora Perspetiva.
- Foucault, M. (2006). *É preciso defender a sociedade*. Livros do Brasil.
- Foucault, M. (2013). *Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão*. Edições 70.
- Frateschi, C. (2015). Teatro Jornal Primeira Edição. In *Augusto Boal: Atos de um Percurso* (pp. 83-85). Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil.
- Goffman, E. (1988). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (4ª ed.). LTC-Livros Técnicos e Científicos.

- Grigsby, C., Baumann, D., Gregorich, E. S., & Roberts-Gray, C. (1990). Disaffiliation to entrenchment: A model for understanding homelessness. *Journal of Social Issues*, 46(4), pp. 141-156.
- Hughes, T. A., Wilson, D. J., & Beck, A. J. (2001). *Trends in state parole, 1990–2000. Bureau of Justice Statistics. Special Report (NCJ 184735)*. Washington, DC: U.S.: Department of Justice, Bureau of Justice Statistics.
- Hurtubise, R., Babin, P. O., & Grimard, C. (2009). Shelters for the Homeless: Learning from Research. In J. D. Hulchanski, P. Campsie, S. Chau, S. Hwang, E. Paradis, J. D. Hulchanski, P. Campsie, S. Chau, S. Hwang, & E. Paradis (Edits.), *Finding Home: Policy Options for Addressing Homelessness in Canada*. (p. Chapter 1.2). Toronto: University of Toronto. <http://www.homelesshub.ca/FindingHome>
- Jorge, P. (2022). Determinantes do adoecimento mental na população sem-abrigo. *Revista Portuguesa De Medicina Geral E Familiar*, 38(5), pp. 488-495. <https://doi.org/10.32385/rpmgf.v38i5.13394>
- Kidd, S. A. (2014). "The Walls Were Closing in, and We Were Trapped". *Youth & Society*, 36(1), pp. 30-55. <http://dx.doi.org/10.1177/0044118X03261435>
- Lawrence, L. C. (2014). *Las teorías dramáticas de Augusto Boal*. CreateSpace Independent Publishing Platform.
- Lima, E. C. (2015). Teatro Político em Tempos de Repressão. In *Augusto Boal: Atos de um Percurso* (pp. 70-74). Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil.
- Lino, F. (2019). *De onde vêm e para onde vão ... Trajetórias de vida de pessoas em situação de sem-abrigo numa instituição de acolhimento temporário*. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto. <https://hdl.handle.net/10216/123972>
- Lopes, D., & Mendonça, A. (2009). História e Habitação: cidadania e a questão social da população de rua em Campinas/SP. *Impulso*, 19(48), pp. 41-60.
- Mar, M. Y., Linden, I., Torchalla, I., Li, K., & Krausz, M. (2014). Are Childhood Abuse and Neglect Related to Age of First Homelessness Episode Among Currently Homeless Adults? *Violence and Victims*, 29(6), pp. 999-1013. <http://dx.doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-13-00025>

- Martins, V., & Lucio-Villegas, E. (2014). Teatro do oprimido como ferramenta de inclusão social no bairro Horta da Areia em Faro. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, pp. 57-75. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2265>
- Matza, D. (1981). *El Proceso de desviación*. Madrid: Taurus Ediciones.
- Mccarthy, B., & Hagan, J. (1992). Surviving on the Street The Experiences of Homeless Youth. *Journal of Adolescent Research*, 7(4), pp. 412-430. <http://dx.doi.org/10.1177/074355489274002>
- Mendonça, M. (2002). *Ensinar e aprender por projetos*. Porto: Edições Asa.
- Menezes, F. L. (2008). *Dinâmicas de risco na modernidade e desigualdades sociais: o caso dos sem-abrigo em Paris, Lisboa e Londres*. (Tese de Doutoramento).Iscte-Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa. <http://hdl.handle.net/10071/2369>
- Metraux, S., & Culhane, D. (2004). Homeless shelter use and reincarceration following prison release. *Criminology and Public Policy*, 3(2), pp. 139-160.
- Minayo, M. C., & Costa, A. P. (2019). *Técnicas que Fazem Uso da Palavra, do Olhar e da Empatia: Pesquisa Qualitativa em Ação*. Aveiro: Ludomedia.
- Napolitano, M. (2001). A arte engajada e os seus públicos (1955/1968). *Estudos históricos*, 2(28), pp. 103-124.
- Neuman, W. L. (2014). *Social Research Methods: Qualitative and Quantitative Approaches*. Edinburgh Gate: Pearson Education Limited.
- Neves, J. L. (1996). Pesquisa Qualitativa - Características, usos e possibilidades. *Cadernos de pesquisas em administração*, 1(3), pp. 1-5.
- Nunes, S. B. (2004). *Boal e Bene: Contaminações para um teatro menor* (Tese de Doutoramento não publicada).Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- O'Flaherty, B. (2009). What Shocks Precipitate Homelessness? *Discussion Papers*. Columbia University.

- Oliveira, D. H., & Bortolini, N. G. (2021). Interloquções entre la Multiplicación Dramática - Eduardo Pavlovsky- e o Arco-íris do Desejo- Augusto Boal. *Cena*(34), pp. 185-195. <https://doi.org/10.22456/2236-3254.109507>
- Oliveira, É. C., & Araújo, M. F. (2012). Aproximações do Teatro do Oprimido com a Psicologia e o Psicodrama. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(2), pp. 340-355. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000200006>
- Pais, J. M. (2016). *Nos rastros da solidão. Deambulações Sociológicas* (3ª ed.). (E. Machado, Ed.) Berlim: GD Publishing Ltd. & Co KG.
- Paugam, S. (2009). *Le lien social* (2ª ed.). Paris: Puf.
- Perista, P. (2019). *Perista, P. (2019). ESPN [European Social Policy Network] Thematic Report on National Strategies to fight homelessness and housing exclusion.* Brussels: European Commission.
- Ramadhan, S. K. (2016). *Homelessness: A Study of the Perceptions of Successful Graduates and their Experience with a Transitional Housing Program and Services.* (Doctoral Thesis). University of Rochester, Nova York. <http://hdl.handle.net/1802/31971>
- Rêgo, X., & Fernandes, L. (2012). As falas do medo: convergências entre as cidades do Porto e Rio de Janeiro. *Revista Brasileira das Ciências Sociais*, 27(78), pp. 51-65. <https://hdl.handle.net/10216/63653>
- Rosa, V., & Guadalupe, S. (2015). A rutura dos laços sociais nas narrativas das pessoas em situação de sem-abrigo. *Intervenção Social. Lusíada*, pp. 157-176. <https://doi.org/10.34628/by6f-mx70>
- Rossman, S., Sridharan, S., Gouvis, C., Buck, J., & Morley, E. (1999). *Impact of the opportunity to succeed. OPTS Aftercare Program for Substance-Abusing Felons: Comprehensive final report.* Washington DC: The Urban Institute.
- Said, A. M. (2017). Teatro de Arena de São Paulo: reflexões sobre política, arte e formação. *Educação e Filosofia*, 31(61), pp. 539-588. <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v31n61a2017-p539a588>
- Santos, P. F. (2015). Exílio na América Latina. In *Augusto Boal: Atos de um Percurso* (pp. 88-91). Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil.

- Sarmiento, J., & Leão, J. (2021). (I)mobilidade e táticas espaciais no quotidiano de pessoas em situação de sem teto: o caso do Porto, Portugal. *Revista: Espaço e Cultura*(49), pp. 85-197. <https://hdl.handle.net/1822/73472>
- Schutt, R. K. (2008). Shelterization in Theory and Practice. *Anthropology of Work Review*, 24(1-2), pp. 4-13. <http://dx.doi.org/10.1525/awr.2003.24.1-2.4>
- Serafino, I. (2019). “Processos de criação artística comunitária: questões metodológicas”. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, XXXVIII, pp. 52-70. <https://doi.org/10.21747/08723419/soc38a3>
- Serafino, I. (2023). O teatro comunitário em Portugal: uma análise sociológica a partir do estudo de caso da associação Pele_Espaço de Contacto Social e Cultural. *Análise Social*, 57(245), pp. 656-675. <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2022245.02>
- Shier, M. L., Jones, M. E., & Graham, J. R. (2011). Social Communities and Homelessness: A Broader Concept Analysis of Social Relationships and Homelessness. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 21(5), pp. 455-574. <http://dx.doi.org/10.1080/10911359.2011.566449>
- Silva, E. A. (2013). As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais. *Revista Angolana de Sociologia*(12), pp. 77-99. <https://doi.org/10.4000/ras.740>
- Silva, F. J. (2014). Uma história do Teatro do Oprimido. *Aurora: Revista de arte, mídia e política*, 7(19), pp. 23-38.
- Smith, N. (1996). *The New Urban Frontier: Gentrification and the revanchist city*. New York: Routledge.
- Snow, D. A., & Anderson, L. (1987). Identity Work Among the Homeless: The Verbal Construction and Avowal of Personal Identities. *American Journal of Sociology*, 92(6), pp. 1336-1371. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1086/228668>
- Snow, D. A., & Anderson, L. (1993). *Down on Their Luck: A study of Homeless Street People*. University of California Press.
- Thelen, L. (2006). *L'exil de soi. Sans-abri d'ici et d'ailleurs (Traveux et recherches)*. Bruxelles: Facultés universitaires de Saint-Louis.

- Turle, L. (2014). Alfabetização Teatral: uma fotografia da experiência de Augusto Boal no ALFIN, Peru, 1973. *VIII Congresso da ABRACE*. Belo Horizonte: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Velze, I. (2022). *Práticas teatrais como ferramenta de desenvolvimento psicológico, cognitivo e social de pessoas com doença mental*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto. <https://hdl.handle.net/10216/145175>
- Viegas, I. (2013). *Morar na rua: um estudo sobre sobrevivência e identidade de pessoas sem-abrigo*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto. <https://hdl.handle.net/10216/114975>
- Wacquant, L. (2005). Mapear o campo artístico. *Sociologia, problemas e práticas*(48), pp. 115-121. <http://hdl.handle.net/10071/196>
- Wacquant, L. (2007). *Punir os Pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Revan.
- Wacquant, L. (2008). *As duas faces do gueto*. São Paulo: Boitempo.
- Zlotnick, C., Tam, T., & Robertson, M. J. (2003). Disaffiliation, Substance Use, and Exiting Homelessness. *Substance Use & Misuse*, 38(3-6), pp. 577-599. <http://dx.doi.org/10.1081/JA-120017386>
- Zlotnick, C., Tam, T., & Robertson, M. J. (2004). Adverse childhood events; substance abuse; and measures of affiliation. *Addictive Behaviors*, 29(6), pp. 1177-1181. <http://dx.doi.org/10.1016/j.addbeh.2004.01.005>

VI. ANEXOS

Anexo 1 - Caracterização dos Participantes

Código do Participante	Idade	Sexo	Escolaridade	Situação relativa à habitação
P1	56	Masculino	4º ano	Quarto
P2	59	Masculino	4ºano	CAT
P3	58	Masculino	4º ano	CAT
P4	58	Masculino	5º ano	Quarto
P5	52	Masculino	12ºano	CAT
P6	39	Masculino	4º ano	CAT
P7	55	Feminino	12º ano	Quarto
P8	49	Masculino	9º ano	CAT
P9	45	Masculino	12ºano	Quarto

Anexo 2. Declaração de Consentimento Informado: Entrevista Semiestruturada

A presente entrevista decorre no âmbito da minha dissertação do Mestrado em Temas da Psicologia, área temática Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor Luís Fernandes. Este estudo tem como finalidade explorar o potencial latente ao Teatro do Oprimido no estudo do Fenómeno Sem-Abrigo na Cidade do Porto, e, na perspetiva dos próprios atores sociais, explorar o valor do Teatro do Oprimido enquanto instrumento de intervenção social.

Assim, através da realização de uma entrevista semiestruturada, pretendo aprofundar o meu conhecimento relativo ao Fenómeno Sem-Abrigo na Cidade do Porto, e referente aos impactos da participação num processo de experimentação e criação artística, na Oficina de Teatro Fórum, no Projeto “Somos”- Existimos, Criámos, Somámos, (P)artes).

A entrevista será gravada (áudio), apenas para a análise subsequente dos dados.

A participação é livre e voluntária, podendo o participante desistir a qualquer momento ou optar por não responder a qualquer pergunta, sem qualquer tipo de prejuízo.

Toda a informação obtida através desta entrevista será unicamente usada para o fim expresso.

A identidade do participante será SEMPRE mantida em anonimato, tendo em conta, o princípio da confidencialidade pelo qual este estudo se rege.

Compreendo os esclarecimentos prestados, solicitei todas as informações que necessitava, tomando a decisão de participar no estudo de forma livre e informada.

Autorizo a gravação de voz da entrevista e a posterior utilização dos dados obtidos para o estudo em questão, desde que seja garantido o anonimato.

Assinatura: _____

Data: __/__/__

Assinatura da Mestranda: _____

Anexo 3- Guião de Entrevista

1. Como é que caracteriza o processo de integração no Projeto “Somos”?
2. Como é ser Pessoa em Situação de Sem-Abrigo na cidade do Porto?
3. Quais foram as motivações para a integração na Oficina Teatro Fórum?
4. Como foi para si a experiência de ter participado na Oficina Teatro Fórum?
5. Como foi participar na construção, mas também enquanto ator, de um espetáculo de Teatro Fórum?
6. O que mudou em si desde a sua participação?
7. O que mudou na sua vida desde a sua participação?
8. Que impacto é que acha que esta oficina teve em outros participantes, que também se encontram numa situação de sem-abrigo?
9. E que impacto é que acha que teve na vida desses mesmos participantes?

Anexo 4- Grelha de Análise de Conteúdo

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores
1. O Fenómeno Sem-Abrigo na Cidade do Porto	1.1. Trajetórias Sem-Abrigo	1.1.1. Do individual ao social	Inclui referências aos fatores de natureza individual e estrutural, que operaram na precipitação de uma situação de sem-abrigo
		1.1.2. Aprisionados na situação sem-abrigo	Inclui referências aos significados atribuídos pelos sem-abrigo, à sua situação de sem-casa. Inclui também referências a fatores de natureza estrutural, que operam na manutenção desta situação.
	1.2. Fenómeno Sem-Abrigo e Formas de Habitar o Espaço Social Urbano	1.2.1. Habitar a Rua	Inclui referências aos significados atribuídos pelas pessoas em situação de sem-abrigo, ao viver na rua
		1.2.2. Habitar um Centro de Alojamento Temporário	Inclui referências aos significados atribuídos pelas pessoas em situação de sem-abrigo, ao viver num Centro de Alojamento Temporário
2. Fenómeno Sem-Abrigo e Teatro do Oprimido	2.1. Motivação para a Integração na Oficina de Teatro Fórum		Inclui referências às motivações que estiveram na base da integração na Oficina Teatro Fórum
	2.2. Possível olhar sobre o Efeito “Flutuação” dos Participantes		Inclui referências às razões da pouca assiduidade, de alguns elementos do grupo de oprimidos, na Oficina Teatro Fórum.
	2.3. Participação no processo de experimentação e criação artística		Inclui referências aos sentimentos que se foram afluindo, no decorrer de processo de criação e experimentação artística, na Oficina Teatro Fórum.
	2.4. Impactos percebidos		Inclui referências aos impactos percebidos, como resultado da participação num processo de criação e experimentação artística, na Oficina Teatro Fórum